

Teatro **de Raul Brandão**

ÍNDICE:

O Gebo e a Sombra
O Rei Imaginário
O Doido e a Morte
Eu Sou um Homem de Bem
O Avejão

O Gebo e a Sombra

Peça em 4 actos

PERSONAGENS

O GEBO, cobrador da Companhia Auxiliar.

DOROTEIA, mulher do Gebo.

JOÃO, filho do Gebo e de Doroteia.

SOFIA, mulher de João.

CHAMIÇO, músico de feira.

CANDIDINHA.

Um polícia e vizinhos.

PRIMEIRO ACTO

Casa pobre com Janelas e duas portas ao fundo, uma para a rua e outra para a cozinha. Mesa com livros de escrituração comercial. Inverno. Cinco horas. Anoitece.

SOFIA E DOROTEIA

SOFIA (*espreitando à janela*): Não tarda por aí... Já se começam a acender os lampiões da estrada. Pobre velho, há-de vir cheio de frio. Todo o dia à chuva, toda a vida ao tempo... (*Espreita outra vez.*) Não se vê nada para a rua. O café está quente. (*Olha em roda.*) Deixa-me dar mais luz ao candeeiro... Ah! a manta velha e os sapatos, senão põe-se aí a ralhar por causa dos sapatos... Há quantos anos faço todos os dias as mesmas coisas! (*Baixinho.*) Há quantos anos! (*para Doroteia que entra.*) O pai hoje demora-se, estará doente?

DOROTEIA: Agora está! Pôs-se para aí a falar com os vizinhos... Tens tudo arranjado?

SOFIA: Tudo.

DOROTEIA: Logo que ele chegue chama-me, ouviste? Hoje traz notícias.

SOFIA: Notícias de quem?

DOROTEIA: Do João, do teu homem, do meu filho. Ficas na mesma! (*Vai a sair.*) A manta velha e os sapatos, não te esqueças...

SOFIA: Já ali estão.

DOROTEIA Bem.

SOFIA: Tudo está nos seus lugares. Os livros... Nos livros não quer ele que lhe mexam. (*Aproxima-se da janela.*) Tão escuro já!

DOROTEIA (*saindo para a cozinha*): Ficas na mesma! Não sei que coração é o teu!

SOFIA: Iludida! sempre iludida! Dissessem-te a verdade a ver se choravas tantas lágrimas como eu tenho chorado baixinho, com o cobertor pela cabeça, para que não me ouçam chorar. Nem chorar podemos eu e o velho para que vivas iludida. Ainda ele anda, trabalha, esquece, mas eu fico aqui horas e horas a cismar... (*Apura o ouvido.*) É a sua voz, são os seus passos. Tosse. Fala com alguém. (*Olha em roda para se certificar de que tudo está nos seus lugares, depois sorri e chama.*) Mãe, ele aí vem.

DOROTEIA (*dentro*): Aí vou, aí vou.

SOFIA: O que ele fala! Com quem virá a falar? (*Para Doroteia.*) Aí vem o pai. (*Batem.*)

DOROTEIA (*ouvindo bater*): Aí vou, homem, aí vou. (*Abrindo a porta.*) Escusavas de bater.

SOFIA, DOROTEIA, GEBO E CHAMIÇO

Gebo traz uma mala de mão e um rolo de papéis debaixo do braço. Chamiço, que fica à porta, cumprimenta cerimoniosamente com o chapéu de palha.

GEBO: Eu não adivinho, mulher. Então não entra, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO (*da porta*): Hoje não, vizinho. Minhas senhoras...

GEBO: Então boa noite e até amanhã. Apareça cedo para o cavaco.

CHAMIÇO: Tenho agora a orquestra que me dá um trabalhão. Só o bombo! O amigo não sabe o que o bombo me rala... Já não há arte! Boa noite. (*Sai.*)

GEBO (*para fora*): Está de rachar pedras, hein?

CHAMIÇO (*fora*): De morrer.

GEBO (*fecha a porta e beija as mulheres*): Venho com um frio!...

DOROTEIA: Já sei, já sei, entendo-te à légua...

SOFIA: Está ao lume para se conservar quentinho.

GEBO: Não, que este ano sempre tem feito um frio! Só me lembro dum ano assim há de haver... Ora espera... há de haver...

SOFIA: Tire as botas, aqui tem os chinelos.

DOROTEIA: E então, viste-o?

GEBO (*sem se recordar*): Anh! Vi-o?... Vi-o quem?

DOROTEIA: Sim, viste o correspondente do nosso filho? falaste-lhe? Tu não disseste que trazias hoje notícias do nosso filho?

GEBO (*recordando-se e mentindo atrapalhadamente*): Vi sim, vi! Tu também vens sempre com essas coisas de repente! Nem dás tempo ã gente de pensar. Pois está claro que vi. Manda-te muitas saudades.

SOFIA: Aqui tem os chinelos.

DOROTEIA: E está bom?

GEBO: Está ótimo.

DOROTEIA Tu de antes ainda conversavas, falavas até demais. Agora custa a arrancar-te as palavras da boca. Vou ver se o café está pronto e quero que me contes tudo por miúdo. *(Sai.)*

SOFIA: Pai, não se aflija.

GEBO: Eu é que tenho a culpa, mas sou um esquecido... E devia lembrar-me, coitada... Se ela soubesse! Se ela pudesse imaginar sequer!...

SOFIA: Teve notícias?

GEBO: Pior que notícias. *(Mais baixo.)* Pareceu-me vê-lo... Isto não o sabe ela.

SOFIA: O João!

GEBO: Vi uma sombra na noite.

SOFIA: Se o vem a saber!

GEBO: Basta à pobre da velha o que tem sofrido. Mente, Gebo, engana-a, mente hoje, amanhã, sempre, passa a vida a mentir, mas que o não suspeite nunca. Nunca! Deixá-la viver os seus últimos dias feliz. Enganada, mas feliz... *(Acaricia-a.)* Tudo deixámos, quando fugimos para longe, mudando de terra para que não soubesse... *(Ouvindo passos.)* Schiu! schiu! ... *(Tosse, arranja os livros.)*

SOFIA: E sempre a dizer-lhe... sempre...

GEBO: Diz, diz... Sempre a mentir-lhe... E se tu soubesses o que me custa!... Isto, filha, é pior do que inventar um folhetim todas as noites. Já não sei o que hei-de dizer. Ora aguenta velho, aguenta... Que o não saiba nunca.

SOFIA: E o outro, viu-o?... Se ele vem por aí...

GEBO: Aqui?... Não vem. Se... Nem seria ele. Alguma sombra que desapareceu e mais nada...

SOFIA: Há oito anos...

GEBO: Um desgraçado... Filha, esquece-o. Uma vida monstruosa. Outra vida...

SOFIA: Outra vida?...

GEBO: Sim, uma vida de desgraça...

SOFIA: Diga...

GEBO (*abana a cabeça*): Não vem, sossega. Já o vi outra vez...

SOFIA: E falou-lhe?

GEBO: Um dia, há muitos anos, numa rua longe – era à noite – senti que me puxavam para o escuro...

SOFIA: Era ele?

GEBO (*olha para dentro e fala mais baixo*): Não me falou. Só lhe vi os olhos. Mas não sei porquê, conheci-o logo. Talvez pelo contacto das mãos. Tinha as mãos geladas... Conheci-o logo e dei-lhe o dinheiro que levava. Não dissemos nada um ao outro. Mas eu compreendi-o melhor do que se falasse... Muitos anos desapareceu. Ultimamente é que me sinto seguido e rodeado por uma sombra que nunca se aproxima de mim.

SOFIA: Uma sombra?...

GEBO: Nem será ele... Se fosse ele! Se ela sabe que o filho que criou!...

SOFIA: Conte-me tudo...

GEBO (*apontando para dentro*): Temos tempo de conversar. (*Suspira, põe os óculos e começa a escrever nos livros.*) Não, vou antes copiar estes apontamentos para o Diário. Grande casa esta de exportação, Ramires & Ramires! Ora vejam os senhores este balanço de Agosto do corrente, dez contos setecentos e cinquenta mil réis. Já é bonito, hein? Ou isto, ou ser cobrador com vinte mil réis mensais e fazer escritas à noite para não morrer à fome. Acabou-se... Ora agora... agora... Ah... (*Pausa.*) Tu que dizes?

SOFIA: Nada, cismo. Cismo na desgraça. Cismo no que será a outra vida que ele leva...

GEBO: Não penses nisso...

SOFIA: Talvez seja mal, mas queria compreender o que é essa vida horrível e porque é que ele, sabendo que faz mal...

GEBO: Filha!

SOFIA: Porque é que O mal o atrai e porque é que a sua miséria me atrai também? Para que vive uma vida de desgraça, de dor e de fome?... Há muitas coisas que eu queria saber e discutir e não me atrevo.

GEBO: É melhor assim.

SOFIA: E ela há-de vir a sabê-lo...

GEBO: Coitada da velha, se anda para aí iludida para um dia saber tudo e sufocar de lágrimas! Quantas desilusões tem tido pela vida fora! Primeiro a nossa casa hipotecada e vendida naquele ano em que estive desempregado, 1893 – data negra.

Depois a desgraça do filho... E sempre poupada, tirando-o à boca para que o tivéssemos. Tu dizes?...

SOFIA: Eu cismo.

GEBO: É a desgraça, é a desgraça que não nos larga. (*Fica absorto olhando a luz do candeeiro. Os passos da velha lá dentro despertam-no. Sofia de repente apura o ouvido e põe-se a pé num sobressalto. O Gebo escreve.*) Adiante, adiante... zero, zero, cinco... Oito e sete quinze e seis são vinte e um, e vão dois... A luz hoje não está boa, tu arranjaste o candeeiro?

GEBO E DOROTEIA E DEPOIS SOFIA

DOROTEIA: Arranjei-o eu. Aqui está o café. É dos teus olhos. (*Para Sofia.*) Conserva o lume esperto.

Sofia ao sair espreita preocupada a janela e suspira fundo.

DOROTEIA: O café está ao lume. Agora vou-me sentar ao pé de ti para te ouvir falar.

GEBO: Esta noite tenho muito que fazer, mulher.

DOROTEIA: Não te zangues. Depois de velho, relho. Deixa-me embrulhar-te os pés. Enquanto tomas o café podes contar-me tudo. Não te ponhas já a escrever. Então entraste em casa do correspondente...

GEBO: Entrei...

DOROTEIA: E ele leu-te a carta do nosso filho?

GEBO (*sempre com mau modo*): Leu.

DOROTEIA: E o que diz?

GEBO: Diz..., diz... Manda muitas saudades... o costume... (*Rápido, encontrando a mentira.*) E pergunta como está a mãe.

DOROTEIA: Ah, pergunta? E não o disseste logo! Gosto tanto de te ouvir! É preciso que saibas que eu não tenho outra vida. Criei-o. E depois que o não vejo – há oito anos, contados dia a dia – criei-o outra vez, de dia, de noite, como pude... Gosto tanto de te ouvir! Fala. E depois?

Sofia vem sentar-se ao pé da mesa a trabalhar.

GEBO: Depois?.. Mau!... Depois, pusemo-nos a conversar, eu de cá isto, ele de lá aquilo, etc.

DOROTEIA: Etc.? Com que secura me falas! E eu todo o dia à espera de te ouvir. Todos os dias... Há anos que espero... E chegas a casa e calas-te para me fazeres sofrer.

GEBO: Ó mulher, mas que queres tu que te diga? (*Atrapalhado.*) Não sei arranjar estas coisas... Não sei... não posso... Não, não é isto... Nas cartas comerciais não se usa falar de particularidades de família.

DOROTEIA: Dizes-me sempre a mesma coisa, meia dúzia de palavras e sabe Deus com que custo! ... E nem te importa o que eu nestes oito anos tenho usado de sonho, e que na minha vida não haja uma única alegria. Vivemos neste frio da pobreza que mais se entranha à medida que os anos passam...

GEBO: Mas eu não tenho que dizer...

DOROTEIA: O que é sei eu! o que é sei eu!... (*Fita demoradamente Sofia.*) Nem tu próprio talvez o saibas... E não reparas que a teu lado me fui transformando noutro ser de dor e de desespero... De desespero também. Outra figura se criou sem tu dares por ela e quase sem eu dar por ela, no abandono e no silêncio. Outro ser... Outro ser que já não pode mais. Fala! Fala! Porque estou há anos à espera de que digas o que eu quero saber!...

GEBO (*aterrado*): Ó mulher, saber o quê? Que queres tu saber?

DOROTELA: Sempre a desgraça, sempre a desgraça!... E eu à espera...

GEBO: Deixa-me... Logo... Vai buscar mais café...

SOFIA: Eu vou. (*Sai.*)

DOROTEIA: Preciso de te ouvir senão morro!

GEBO: Aí tornas outra vez! Tenho de dar a escrita pronta, já to disse.

DOROTEIA: Ó homem, se eu não soubesse que és meu amigo, duvidava de ti. Pois tu sabes que só tenho esta alegria e tiras-ma!

GEBO: Não me apoquentes. Logo, logo, está dito...

DOROTEIA: Em te pilhando com os livros, acabou-se! Agora não falas, logo vais para a cama e dormes. E quanto mais aflições, mais sono tens. Só eu não posso dormir. Cismo. A ti e a ela pouco se vos dá, mas eu, o que eu tenho chorado!

GEBO (*apontando para dentro*): Coitada! Também é preciso poupá-la, tem sido infeliz.

DOROTEIA: Como eu.

GEBO: É sua mulher e nunca mais o tornou a ver. Lembra-te do que terá sofrido calada, sem se queixar. Já a ouviste queixar-se?

DOROTEIA: E eu? o que eu tenho sofrido! Há oito anos! Já lá vão oito anos! Não te importas, mas eu tenho recozido as minhas lágrimas. E quando quero falar dele, emudeces. Chegas e pegas-te logo à escrita (*apontando para dentro*) para que nada lhe falte a ela. Parece que ela é que é tua filha.

GEBO: Que não daríamos nós por os vermos felizes?

DOROTEIA: Temos-lhe dado tudo.

GEBO: Por esta vida fora, tão dura, tão má, quantas vezes me tenho lembrado de morrer.

DOROTEIA: De...?

GEBO: De morrer, sim. A gente chega a pensar em morrer. E eras tu e ela que me prendiam à vida. Não há tanta gente que vai no verão, por aí fora, para a aldeia? Quem me dera ir também ver as árvores, sentar-me à sombra!... Pois as minhas árvores sois vós.

DOROTEIA: Olha como tu falas!

GEBO: Falo, gosto de falar da nossa filha. Ainda me lembro quando ela veio assim... Pequenininha, cá para casa na morte de meu irmão. Cresceu, casámo-los e... (*mudando de tom*) ó mulher, sabes tu que mais? deixa-me trabalhar.

DOROTEIA: Mas do nosso filho não falas, do nosso filho não dizes palavra. Foste sempre mais amigo dela do que dele. E tudo porque foi para longe, porque não se quis sujeitar a esta vida que levamos, porque é ambicioso. Sai a mim que o criei.

GEBO: Isso tem seus quês...

DOROTELA: Então achas melhor ser como tu que nunca fizeste nada para subir? Riem-se de ti, és um pobre, todos te escarnecem.

GEBO: É o mesmo, mulher, é o mesmo.

DOROTELA: Os teus amigos enriqueceram, e tu não passas de cobrador duma companhia, sempre com o mesmo ordenado e as mesmas aflições.

GEBO: Deixa-me cá com a minha vida. Sabe Deus o que eu sofro para que vos não falte o pão.

DOROTELA: Felizmente o meu filho não sai a ti.

GEBO: A ambição não é má, mas tudo se quer nos seus termos. Olha que já tenho visto muita coisa por esse mundo. Grande nau, grande tormenta. E lá fora na companhia, no comércio toda a gente diz: – O Gebo, que é como eles me chamam...

DOROTEIA: E tu consentes!

GEBO: Que lhes hei-de fazer?... O Gebo é honrado.

DOROTEIA: Sempre foste assim! Até me fazes aflição!

GEBO: Paciência, mulher, paciência. Deixa-os lá. Mas quando dizem que sou honrado, isso consola. Cumpri sempre o meu dever.

DOROTEIA: Serviu-te de muito.

GEBO: Serviu...

DOROTEIA: O que tu tens sido é egoísta. Cumpreste o teu dever sem cuidares de que também tinhas deveres para connosco. Não aproveitaste as duas ou três ocasiões que te apareceram na vida para enriquecer – e levaste-nos para a desgraça e para a pobreza.

GEBO: Ó mulher!...

DOROTEIA: Tu é que tens a culpa. Não tens mesmo finura nenhuma. Toda a gente te engana e ainda por cima se riem de ti. Nós temos culpa das tuas tolices, das tuas desgraças?

GEBO: Não mulher, não, bem sei.

DOROTEIA: É o que conseguiste cumprindo o teu dever.

GEBO: Mas tenho feito tudo por vós, tenho arrastado esta cruz! Sou um homem honrado.

DOROTEIA: Olha os outros! Olha os outros! Enriqueceram, são felizes...

GEBO: Deus sabe, Deus sabe!

DOROTEIA: E nós pobres e desgraçados. *(Para Sofia que entra.)* Deixaste o lume esperto? É preciso fazer mais café.

GEBO: Que eu hoje trabalho até essa noite velha e o frio está de rachar.

Estão sentados a trabalhar. Silêncio.

DOROTEIA: *(suspira)*: O meu filho...

GEBO: *(num sobressalto)*: Anh?!

DOROTEIA: Não me sai da ideia. Há dias em que tenho vontade de fugir. Vem-me não sei de onde um impulso de deixar tudo e de ir por esse mundo, sem destino.

GEBO: ...e sete são catorze... Por aí fora à ventura?... E sete são vinte e um.

SOFIA: Também a mim a vida me parece sempre a mesma coisa. É como a chuva

que cai lá fora, pingue que pingue, nos beirais. Sempre este ruído monótono da chuva...

GEBO: A vida é sempre a mesma coisa.

DOROTEIA: A nossa vida. Usar os trapos, remendar os trapos, tornar a usá-los.

SOFIA: E se nos acontecesse alguma coisa?

DOROTEIA: Que coisa?

GEBO: A felicidade na vida é não acontecer nada.

SOFIA: É o hábito?

GEBO: Talvez seja o hábito. É a gente fazer sempre o mesmo trabalho e dizer sempre as mesmas palavras.

SOFIA: Como a chuva. E não cismar.

DOROTEIA: Não cismar! Eu cismo sempre. Nem na cova deixarei de cismar.

SOFIA: Será a vida só uma? Só uma?

GEBO: Todas as vidas são assim.

DOROTEIA: Mas tão monótona, tão fria que me pesa! Às vezes não sei se estou viva se estou morta. As vezes nem o sonho que sonho me é possível. Está no fio.

GEBO: Essa agora! Eu cá por mim, quando acabo o trabalho e me sento aqui, com os livros ao lado, a ouvir chover – e como ela cai! – não me sinto infeliz. Pelo contrário: estou quente, tenho-vos ao pé de mim...

DOROTEIA: Tu sim! tu sim! Nem reparas que há quarenta anos fazemos todos os dias a mesma coisa na humildade e na pobreza, e que o sonho se vai usando, gastando, acabando com a vida...

SOFIA: E não haverá outra vida?

GEBO: Temos cumprido a vida, temos cumprido o nosso dever. Resta saber se a gente vem a este mundo para ser feliz...

DOROTEIA: Mas se a vida fosse só isto, sempre as mesmas acções, sempre as mesmas palavras, eu morria, eu não podia viver. (*Sofia põe--se de pé num sobressalto e vai à janela espreitar.*) O que me vale é o que me resta de sonho. Fechada, sozinha, quanto mais sozinha melhor, sonho sempre no nosso filho. Não dizes nada?

GEBO: Faço contas.

DOROTEIA: Para ti, o teu filho é menos que um indiferente.

GEBO: Valha-te Deus!

DOROTEIA: É assim mesmo. Já depois de casado era outro para mim. (*Gebo quer interrompê-la.*) Hei-de falar, hei-de desabafar!... E não contente ainda, foi ela que fez com que não gostasses dele.

GEBO: Como és ingrata, mulher, se soubesses...

DOROTEIA: O quê?

GEBO: Nada.

DOROTEIA: Eu sei! eu sei!... Metemo-la em casa, agasalhámo-la, se não fôssemos nós teria morrido à fome porque ninguém queria saber dela. E em paga tirou-nos a afeição do nosso filho.

SOFIA: Mãe! ó mãe!...

GEBO (*olhando Sofia*): Pelo amor de Deus cala-te!

DOROTELA: É o mesmo. Eu tenho-lhe amor por vós ambos. E quanto menos tu e ela o amarem mais eu gosto dele. (*Para Sofia.*) Ah, ouviste? Melhor foi. Vou-me deitar, mas não durmo. Penso nele, passo as minhas noites a cismar. Não falas?

GEBO: Falo, falo. (*Para Sofia acariciando-a.*) Não chores, filha, não chores.

DOROTEIA: Deixa-a chorar que eu também tenho chorado muitas lágrimas. O meu filho só me tem a mim! só a mim! (*Encarando com Sofia.*) Ah, tu choras? Bom é que chores. (*Sai.*)

GEBO E SOFIA

GEBO (*acariciando-a*): Ela dantes, enquanto lhe não levaram o filho, não era assim. Tirou-o muitas vezes à boca para que nós o tivéssemos. Foi a vida, foi a desgraça que a azedaram... Gastou-se a sonhar, gastou-se a sofrer. (*Reparando em Sofia.*) Tu que tens? tu que tens?

SOFIA: Tenho medo! tenho medo!

GEBO: Também eu! também eu!

SOFIA: Temos aqui vivido há oito anos dominados por uma sombra. Eu já não posso, e tenho medo.

GEBO: É o meu filho, é um desgraçado. Quem sabe!... Talvez a polícia o procure, não tem decerto onde dormir. Anteontem pareceu-me vê-lo ali à esquina. E tenho-me lembrado se terá que comer...

SOFIA: Se terá fome!

GEBO: E se ela sabe isto, morre.

SOFIA: Falou-lhe? então sempre lhe falou?...

GEBO: Desapareceu na noite como uma sombra...

SOFIA: E nós?

GEBO: Nós? Em quem eu penso é nela, com aquela doença de coração. Ela, a quem eu tenho dado tantos desgostos, e que tem vivido de mentira. Às vezes dizia-me: – Manda-lhe beijos, manda-lhe beijos. – E dava-mos, coitada. E hei-de agora dizer-lhe: – Teu filho é um ladrão. – Antes matá-la, seria melhor matá-la.

SOFIA: Às vezes tenho vontade de lhe contar tudo.

GEBO: Schiu... (*Apurando o ouvido.*) Escuta, escuta...

SOFIA (*escutando*): Está no quarto... fala sozinha..., lá anda a pregar.

GEBO: Bem, bem. Vai-te deitar. Eu fico com a escrita até lá por essa noite fora. Minha pobrezinha, tão calada e tão triste, e sempre num subterrâneo a tecer. Eu bem te conheço... Exaltada! tão exaltada! ... Mas calas tudo, escondes tudo. (*Vai-a levando até à porta.*) Reza por mim, ouviste? Por nós todos... e por ele... por ele, não te esqueças. (*Beija-a.*) Boa noite.

SOFIA: Boa noite.

GEBO SÓ E DEPOIS JOÃO

GEBO (*medita abanando a cabeça e resmungando. Depois volta para a mesa de trabalho*): Ora vá, Gebo... Vá, vá. (*Respira profundamente.*) Agora tenho sossego... sossego não, que me lembro. Só quando durmo é que esqueço. A desgraça há-de ir usando a gente até um dia... ate um dia... *O Diário*, sim o *Diário*... E há gente tão feliz por esse mundo!... Oito e sete quinze e seis são vinte e um... e vão 2... 715... 90, noves fora nada. (*O relógio dá horas.*) Uma... duas... três... Hein, já nove! O tempo passa, o tempo passa... E 6 são 32. Coitadas! coitadas das pobres! E vão 5... vão 5... vão 5... (*Silêncio. Fica absorto um instante. Desperta-o um ruído na fechadura da porta.*) E vão 5... Quem é? (*Escuta.*) Mexem na fechadura!

A porta abre-se. João aparece. O Gebo ergue-se espantado e João entra com a gola levantada e a barba por fazer.

JOÃO (*sereno, fechando a porta*): Não tenha medo. Sou eu... As fechaduras conhecem-me.

GEBO: Tu! (*Fica imóvel, de pé, aterrado, João vem à frente e puxa uma cadeira*

para ao pé da mesa. O Gebo, apontando a porta que dá para o interior da casa.) Schi... schi... schiu!

JOÃO: Viva, pai!

Olha em roda, respira largamente e desata a rir-se-lhe na cara.

SEGUNDO ACTO

Mesmo cenário

GEBO E DOROTEJA

GEBO: Ouço passos no pátio, deve ser o Chamiço.

DOROTEJA: Há-de ser ele, nunca falta ao café. Às vezes vê-se-lhe nos olhos que está a morrer pelo café.

GEBO: Coitado! coitado!

DOROTEIA: Se não lho desse aguava.

GEBO: Passa mal, o velhote. Só ele e Deus sabem as linhas com que se cose. As vezes até me faz aflição.

DOROTEIA: Tu ainda tomas o café forte, mas depois pra ele deito água no saco. *(Batem.)*

GEBO: Aí está o homem. *(Doroteia abre.)*

OS MESMOS, CHAMIÇO E DEPOIS CANDIDINHA

CHAMIÇO *(à porta)*: Licença para um artista.

DOROTEIA: Faça favor de entrar.

GEBO: Você já se ia demorando. Ande, sente-se.

CHAMIÇO *(cumprimentando)*: Minha senhora...

GEBO: Pois é verdade, *seu* Chamiço... Então que me diz a este frio?

CHAMIÇO: De rachar e não lhe digo mais nada.

DOROTEIA: Sente-se, sente-se. Eu vou-lhes arranjar o café. A Sofia trá-lo já. *(Sai.)*

O Gebo trabalha. O Chamiço senta-se do outro lado da mesa.

GEBO: E os negócios correm, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO: Vão indo, vão indo. Podia ser melhor. Mas agora a empresa revolveu

pôr em cena outra peça, uma mágica...

GEBO: E a empresa é forte?

CHAMIÇO: Imagine..., entra o Torres.

GEBO: Ah, então!... 7 e 8 – 15 e 6 são 21... O Torres... E tem tido muita gente?

CHAMIÇO: Esta coisa de barraca de feiras está um bocado por baixo. E depois o tempo não ajuda. Chuva e muita falta de dinheiro.

GEBO: Amigo, todos se queixam do mesmo mal. Mas porque não dão vocês espectáculo à noite?

CHAMIÇO: Era um despesão. Só a iluminação... O amigo calcula por quanto fica a iluminação? Olhe que a iluminação é caríssima.

GEBO: Caro, hein?

CHAM Iço: Só de petróleo 820. Imagine!... O Torres, bem vê, não pode.

GEBO: Ah!... 8 e 8 – 16 e vai um. Faz favor de me passar esse livro..., esse, o *Razão*, esse que está por baixo. Isso!

CANDIDINHA (*à porta*): Dão licença?

A Candidinha com um velho penante, um xaile e uma bolsa – farrapos dados por este e aquele. Mas não é uma figura ridícula

GEBO: Isto é uma raridade!

CANDIDINHA: É que as Soisas estão para fora por causa da doença do tio e hoje era o dia das Soisas. (*Para Doroteia, que aparece à outra porta*): Adeus, filha.

DOROTEIA (*para dentro*): Sofia, traz o café.

CANDIDINHA: Ai, tens café?

CHAMIÇO (*esfregando as mãos*): Aí vem o cafezinho.

DOROTELA (*para Candidinha*): Queres tu uma gota?

CANDIDINHA: Tomo sim, filha. A mim o café faz-me muito mal à palpitação, esta doença que me há-de levar à cova. (*Doroteia faz um gesto.*) Ai, eu não me iludo. Ainda ontem disse em casa das Teles: –A minha sepultura está aberta... – Olhem que tenho a roupa apartada pra não incomodar ninguém. (*Mudando de tom.*) É do forte? Que eu café, só do forte. E o teu filho, sempre chegou?

CHAMIÇO: Como eu.

GEBO: O cafezinho sempre aquece.

DOROTEIA (*para dentro*): Sofia, então? (*Sai.*)

CHAMIÇO (*galanteador para Candidinha que tira um bordado e se senta ao pé da mesa*): Perdoe-me se sou ousado, mas antes de me dedicar à arte, fui da tropa...

CANDIDINHA: Diga, senhor Chamiço.

CHAMIÇO: Quem é o felizão para quem borda esta lembrança?

CANDIDINHA: Ainda não tem dono.

GEBO: ...E 7 são 49... Ó Chamiço, você sempre tem coisas!

CHAMIÇO: Não acredito, palavra. Creia que se fosse no meu tempo essa lembrança era pra mim. Não me escapava... Não se ria, conquistava-as todas.

CANDIDINHA: Tinha condão?

CHAMIÇO: Com a flauta. Era mais a mim! mais a mim!

GEBO: Com a flauta!

CHAMIÇO: Sim, homem, foi como eu conquistei a minha defunta. (*Imitando a flauta.*) Piu... piu... piu. Só com a flauta. Não entendem? Eu chegava, sentava-me à beira dela, puxava do instrumento e desatava: piu... piu... piu. Há lá nada que exprima o amor como a música! Era logo: piu... piu... piu. Ela ouvia-me fascinada...

CANDIDINHA: Mas como trocavam expressões de amor?

CHAMIÇO: Piu... piu... piu... E no fim, acabada a ária, levantava-me e dizia-lhe: – Boas noites, Serafina.

CANDIDINHA: Nunca lhe disse mais nada?

CHAMIÇO: Nem foi preciso. Estava pela beija. Piu... piu... piu... (*Gebo e Candidinha riem.*)

CANDIDINHA: Ouvem? Como ela canta na vidraça? Aí torna outra vez...

CHAMIÇO: Estava tudo negro para a barra quando entrei.

GEBO: Como rufa!

CANDIDINHA: Esteja eu quente e ria-se a gente. A mim lembra-me sempre...

CHAMIÇO: O quê, minha senhora?

CANDIDINHA: O dilúvio universal.

OS MESMOS, DOROTEIA, SOFIA E JOÃO

SOFIA (*entrando com Doroteia e João*): Cá está o café e a ferver por causa do frio.

CANDIDINHA (*para Doroteia*): Estás toda contente com o teu filho?

DOROTEJA: Pudera!

JOÃO (*para Sofia*): Deita café.

GEBO: Que inverno! A xícara bem cheia.

CANDIDINHA (*para Doroteia*): E trouxe muita soma de dinheiro já se vê?

DOROTEJA: Acho que sim.

CANDIDINHA: Ah!

SOFIA (*para Candidinha*): Mais uma pinguinha?

CHAMIÇO (*provando o café e queimando-se*): Bff! está a ferver. (*Deita o café no pires.*) Dá licença que tome por baixo?

GEBO: Sofia, deita mais café. Tome... tome...

JOÃO: É isto que vocês fazem às noites? Todas as noites? sempre?...

DOROTEIA: Conversamos, trabalhamos...

CHAMIÇO (*para o Gebo*): Gosta? É uma marcha lindíssima, piu... piu.

GEBO: Gosto... E 7 são 14.

CHAMIÇO: Oh! a arte, não há nada que chegue à arte! O que eu queria era ter tempo para imaginar cá as minhas coisas à vontade, mas tenho os ensaios, o dia todo ocupado a tocar: *Ora ponha aqui o seu pezinho...* E revoltante. Mas o público só gosta destas coisas. O gosto perverteu-se, caminhamos para um abismo. Ah, meu amigo, a arte! Quando me ponho a pensar na arte...

JOÃO (*para Sofia*): Sufoco. Sinto um peso enorme desde que aqui entrei.

CHAMIÇO: ... ponho-me a pensar na arte e vem-me uma tristeza.

GEBO: Quem a não tem?

CHAMIÇO: E então desato a tocar sozinho nem sei o quê... Em frente da minha

janela fica o muro do outro prédio, enorme, sem um rasgão. E a olhar o muro compacto e a tocar: piu... piu... piu, lá vai o negrume... A arte consola.

JOÃO (*para Sofia*): As figuras parecem-me deformadas... Outras figuras...

SOFIA: Outras?!...

JOÃO: E a vida mesquinha e inútil...

DOROTEIA: Mais cafezinho?

GEBO: Tome. E vão 7.

CHAMIÇO: Pois sim, um golo. (*Entusiasmado.*) Nasci para a arte, para viver com a minha arte. Sinto que se me deixassem planear, ainda talvez viesse a escrever...

DOROTETA: O quê, senhor Chamiço?

CHAMIÇO: O quê, minha senhora? Uma marcha! Só lhe digo isto: talvez escrevesse uma marcha.

CANDIDINHA: Upa! (*Para Doroteia.*) Tu não tens uns biscoitos, filha? Estou a sentir uma fraqueza. Até me pode vir a palpitação.

DOROTEJA: Vou buscá-los.

CANDIDINHA: Que noite escura! Com estes crimes que vêm nos jornais – hãode ter lido – tenho sempre medo quando volto para casa, e mais são dois passos.

JOÃO: Crimes, anh?

CANDIDINHA: Crimes de arrepiar.

JOÃO: Crimes toda a gente os pratica.

GEBO: Essa agora!

JOÃO: Ao menos em pensamento... Tudo o que vocês aqui dizem é inútil. Vocês nem sabem o que é a vida. A vida!...

SOFIA: Cala-te!

GEBO: Nem toda a gente pode viver a mesma vida.

CHAMIÇO: Para praticar um crime é preciso não ter alma.

JOÃO: Nem toda a gente se deixa calcar...

DOROTEIA: Ah!

JOÃO: Uns são trapos, outros revoltam-se... Vêm o mundo duma maneira diferente.

CANDIDINHA: Apoiado!

JOÃO: Uns nascem como o pai para beijar a mão que lhes atira uma côdea.

DOROTEIA: Eu bem te tenho dito sempre!

JOÃO: Outros...

SOFIA (*com espanto*): Outros?...

CHAMIÇO: Foi para esses que se fez a cadeia.

JOÃO: Mas antes a cadeia! Na cadeia também se come pão. Antes morrer do que viver sepultado.

DOROTEIA: Filho!

JOÃO: Do que isto! Antes morrer. Deixem-me falar... Um crime qualquer o pratica, crimes maiores se fazem todos os dias, de mentira e de abjecção. Crimes maiores, e às vezes é um nada que nos impede de matar...

GEBO (*fazendo-lhe sinais*): Schiu, schiu!

JOÃO: Tive um amigo que fez uma morte e que esteve na cadeia...

SOFIA: João!...

JOÃO: Mau! Uma noite... Uma noite como esta, estava molhado até aos ossos e tinha fome. Era meia noite passada... Um homem que esteve na cadeia não pede esmola. Sabe tudo da vida e da morte. Vejo a rua deserta e vejo-me decidido a não me deixar morrer de fome. De fome!... Um momento de angústia e desespero... A roda tudo negro... Não era só o negrume da noite e da parede enorme a que me tinha encostado... Maior, mais espesso o negrume da minha alma. Parecia-me que no mundo não havia nenhum ser mais desgraçado do que eu...

SOFIA: Ah!...

JOÃO: Maior!... muito maior!... Mais negro e mais fundo. Cusi-me com a parede. Estava só, ou supunha que era só eu nessa noite – eu e o desespero, só eu e o negrume. O primeiro que passasse deitava-lhe as mãos às goelas... Ouvei passos ao fundo da rua deserta e entranhei-me mais no escuro, pronto a dar o salto... O vulto avançou, aproximou-se, e então eu vi, a meu lado, duas mãos enormes que saíam do escuro – duas mãos sem corpo, iluminadas pelo candeeiro, e que num instante se contraíram no ar, apertaram, sufocaram... Um baque – e deitei a fugir na noite como um insensato... Não fui eu! não fui eu!...

SOFIA: Que horror! que horror!

JOÃO: Que horror? E então aquela alma que todos tinham espezinhado, aquele homem que já tinha sido talvez um homem – e que os outros por egoísmo, por indiferença, atiraram talvez para o crime?... Um homem como os outros homens e que tinha fome e que queria viver... Uma alma – foste tu que falaste aí duma alma? (*A ponta para o Chamiço.*) – Uma coisa que não tem limites de dor e de sonho... Nem sabes o que é!... A minha alma! Eu não sei o que é a minha alma. Está muito funda! Se me debruço lá para dentro – já pensaram nisto? vocês que vivem aqui a dizer todos os dias as mesmas coisas? – se me debruço, vejo no fundo sombras que me metem medo... A alma duma criatura que não pode com a vida, com esta vida que vocês suportam!... (*Para a Candidinha.*) Que estás tu a olhar para mim, velha cheia de sonhos irrealizados?...

CANDIDINHA: Ai!...

JOÃO: Uma alma que grita e sonha e não pode com o seu mundo de espanto, e que conhece o que é a desgraça e a dor!... Vocês não sabem que há criminosos que têm uma alma e homens honrados que a não têm? Vocês estão todos sepultados... Até vos digo mais... Se cada um, dos que aqui estamos, fizesse as mortes em que cisma, por ódio, por ambição, por interesse, o mundo seria uma hecatombe.

CANDIDINHA (*fascinada*): Sim!

JOÃO: Um crime talvez qualquer de nós o pratique amanhã.

Marcar o terror duns e o espanto dos outros, O Gebo que primeiro fica sucumbido, Doroteia que se ergue pouco e pouco durante a narrativa, até que o Gebo desata num riso doloroso e baixinho.

GEBO: Pois senhores, tem graça, tem muitíssima graça! Ora aqui está uma coisa que tem graça!

SOFIA (*baixo*): João, cala-te!

JOÃO: O que vocês quiserem!

GEBO (*com voz sumida para João*): Se a queres matar! se nos queres matar!

DOROTEIA: Credo! (*Para o Gebo.*) Sempre fazes um espalhafato! Até me ficou a doer o coração. Que modos!

CHAMIÇO (*para a Candidinha*): Ele estaria na?...

CANDIDINHA: Tem cara disso.

DOROTEIA: Mas que é? que foi que não entendi?

GEBO: Nada, uma graça. Acabou-se. Uff... (*Limpendo o suor.*) Está um calor de rachar.

CANDIDINHA: Um calor com este frio?

GEBO: Quentote, quentote. Calor não digo. Assim, assim. *(Para o Chamiço.)*
Então que há de novo, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO: Isto de política está cada vez pior. Era preciso um homem de pulso.

CANDIDINHA: Outro marquês de Pombal.

DOROTEIA *(para João)*: Um biscoito?

JOÃO: Não, obrigado.

GEBO: 79 e 9 são 88, e vao... e vão... Já não sei quantos vão!

CANDIDINHA: Muita falta de dinheiro. E isto *(apontando a maleta que está em cima da mesa)* é dinheiro?

GEBO: Olá! Quase um conto. Setecentos mil réis. Agora no fim do ano a cobrança é grande. *(Movimento de João.)*

SOFIA *(querendo deitar café a Chamiço)*: Café é que já não há.

CANDIDINHA *(erguendo a mala)*: E pesa! Não sei que impressão faz a gente ter um conto ao pé de si.

JOÃO: Um conto!

CANDIDINHA: Setecentos! Olhem que já é!

CHAMIÇO: Sente a gente uma coisa esquisita pelas costas acima. Eu não sabia...

João ergue-se e fica a olhar para a mala.

DOROTETA *(para Sofia)*: Leva as xícaras.

SOFIA *(saindo)*: Vens, João?

JOÃO *(absorto)*: Anh?

CANDIDINHA: O que aqui está dentro! *(Acaricia a maleta.)* Vestidos de seda, lambarices, coisas boas. Ai, deve ser um regalo ter dinheiro, muito dinheiro! Até parece que dá calor! Ter dinheiro para mandar os outros, para dizer: – Faça! rua! vá! Quem me dera ter uma pessoa em quem eu pudesse mandar à vontade! Não tinha contemplações. E dizer que está aqui dentro... eu sei lá!... tudo! tudo!... Regalos, considerações, o mundo todo! Ai, deve ser muito bom ter dinheiro!

CHAMIÇO: Ter assim setecentos ao pé da gente!

GEBO: Eu por mim já estou habituado. Nem me lembro que é dinheiro. Zero,

zero... 6.

DOROTEIA: Ouvem? Nove e meia.

GEBO: Já?

CANDIDINHA: Estão a dar na torre.

CHAMIÇO: Então, vizinho, são horas, adeus.

CANDIDINHA: Também vou, demais a mais não chove, há uma aberta... Tanto dinheiro!

GEBO: Boa noite. Cuidado com os degraus.

Vão saindo, Sofia entra e alumia-os.

CANDIDINHA: Adeuzinho. São dois passos. Obrigada.

CHAMIÇO (*à porta*): Boa noite.

DOROTEIA, GEBO, SOFIA E JOÃO

DOROTELA: Lá foram.

GEBO: E agora nós. (*Fecha numa gaveta os livros e a mala.*) Hoje sinto-me derreado.

JOÃO: Vai-se deitar?

GEBO: Pudera! Vou já para vale de lençóis. Tu não vens, mulher? (*Para Sofia, que o acompanha.*) Olha se trazes o candeeiro. (*Fica uma vela sobre a mesa. Sofia acompanha o Gebo e alumia-o.*)

DOROTEIA E JOÃO

DOROTELA: Filho.

JOÃO: Anh?

DOROTELA: Filho, há uma coisa que te queria perguntar. A mim deves dizer-me tudo. Sou tua mãe.

JOÃO (*alheado*): Anh?

DOROTEIA: Espera. Deixa-me olhar para ti. Se soubesses o que eu tenho

passado! (*Gesto de enfado de João.*) Não te zangues. Queria-te pedir... há uma coisa que me não deixa falar, uma coisa que desconheço em ti... Há bocado quase me meteste medo. Custa-me a encontrar a outra fisionomia...

JOÃO: A outra?

DOROTEIA: De quando eras pequeno. Há uma coisa que te pedia que me disseses.

JOÃO: Deixe-me. Deixe-me sozinho... Agora deixe-me só. Preciso de estar só, habituei-me a estar só. Habituei-me a estar só e há ocasiões em que todos os seres me parecem monstruosos e diferentes. Tu não entendes isto.

DOROTEIA: Fazes-me aflição!

JOÃO: Ah!... Também a mim, também a mim me custa a encontrar a outra fisionomia, a outra que vi sempre e com quem lidei sempre.

DOROTEIRA (*aterrada*): Filho!

JOÃO: Espera aí. Tu gostas de mim... Fala! tu és a minha mãezinha.

DOROTEIA: Filho, eu sinto-o... Não sei, mas sinto-o: tu és desgraçado. Ontem tive um sonho em que te vi magro e roto numa rua sem fim. Tinhas fome. (*Aproxima-se dele.*) Tinhas fome e olhavas-me. Estendi os braços num grito. Mas não te pude deter, e seguiste na rua que não tinha fim para um destino de dor.

JOÃO: De dor? De desespero...

DOROTEIA: Hás-de contar-me a tua vida...

JOÃO (*ri-se*): A minha vida!...

DOROTEIA: Muitas vezes te supus morto, muitas vezes tive frio quando pensava que terias frio. Diz-me tudo.

JOÃO: Nos dias de desgraça apareceste-me sempre como quando eu era pequeno e depois...

DOROTEIA: Depois...

JOÃO: Vinha outra vez a noite.

DOROTEIA: Fala, que não me canso de te ouvir. Ficamos aqui toda a noite a falar... Nunca te esqueci.

JOÃO: Eu, também, nunca te esqueci. Mesmo nos dias mais aziagos te via e ouvia. As vezes falavas-me como do fundo dum sepulcro... Quem estava morto era eu.

DOROTEIA: Tu és desgraçado! Tu és desgraçado! Talvez eu saiba mais do que

supões. Talvez eu adivinhe...

JOÃO: Sou um ser diferente, dominado por outra coisa maior... Nem talvez eu mande em mim mesmo... Sou... *(Detém-se.)* Vai dormir agora.

DOROTEIA: Espera...

JOÃO: Que te posso eu dizer da minha vida e de mim mesmo que tu entendas?

DOROTEIA: Da desgraça?

JOÃO: De outra coisa pior. Não procures em mim outra figura senão a que conheces. A outra, a que me impele, a que me leva não para o que eu quero fazer, mas para o que tenho de fazer, a do desespero, não queiras vê-la...

DOROTEIA: Magoa-me ouvir-te. Tenho medo de te ouvir e ao mesmo tempo quero que fales. Tu és desgraçado. Essa figura já talvez eu a visse.

JOÃO: Essa figura de sonho?

DOROTEIA: E que é a mais viva. Porque sofre. Porque me apareceu desesperada... Vi outro ser esfarrapado e doloroso.

JOÃO: Que se ri. Que me faz sofrer e que se ri.

DOROTEIA: Ouve. Talvez eu saiba mais do que supões. Fala comigo.

JOÃO: Agora não. Agora vai-te deitar.

DOROTEIA: Passei anos à espera.

JOÃO: Agora deixa-me. Deixa-me sozinho... *(Vai-a levando para a porta e abraça-a com uma grande ternura.)*

DOROTEIA: Eles não ouvem. Compreendo que não lhes digas nada, mas eu sou tua mãe... Terás tu frio? Pus-te o meu xaile na cama.

SOFIA E JOÃO

Pouca luz. É a vela que arde. Sofia vai e vem nos últimos arranjos. Entra no quarto à direita e depois sai.

JOÃO *(sozinho)*: Isto tira-me a força. Não sei porquê, também a noite me aflige... Conheci um velho que, quando chegava a noite, punha a boca às grades para respirar com força... *(Indeciso. Dá dois passos. A mesa atrai-o.)* Ainda os que matam, são os que têm melhor coração...

SOFIA *(à porta do quarto)*: São perto da dez... Não te deitas? *(Reparando nele.)*

Tu que tens?

JOÃO: Abre aquela janela, deixa-me respirar.

SOFIA: Tu que tens?!

JOÃO: Com a noite desce sobre mim outra vida. Uma força a que não há resistir. Tu já disseste aí – ou foi alguém que o disse – que procuravas em mim outra fisionomia... Há noites em que a sinto transformada e mais profunda. Se tu me visses!... Um ser tão diferente do que conheces! Outro ser de quem não sei o nome e que me domina e leva... Por força! por força!

SOFIA: Cala-te!

JOÃO: Que me espanta a mim mesmo. Um ser vivo, não um homem morto... Se os outros choram, eu rio-me. *(Ri-se.)*

SOFIA *(olha-o com terror)*: Ah!...

JOÃO *(fitando-a demoradamente)*: Agora nos encontramos!...

SOFIA: Desgraçado! desgraçado!

JOÃO: Desgraçado já ela mo chamou também. Desgraçados sois vós. Tu pensas que a vida é isto? É isto, hein? É passar aqui os dias a repetir sempre as mesmas coisas neste subterrâneo?

SOFIA: E morrer?... e morrer?...

JOÃO: E depois morrer. Vocês vivem como cegos e há outra coisa – há outros vivos. Trabalhar, anh, e ser o Gebo! Ser o Gebo! Antes viver num espanto e depois morrer. Olha como eu tenho as mãos frias... *(Estende as mãos e a claridade da vela ilumina-as.)*

SOFIA *(num grito abafado e recuando)*: As mãos! as mãos!

JOÃO: Abre a janela toda. Deixa entrar a noite... E agora vai-te embora, deixa-me sozinho. Cala-te e vai-te.

SOFIA: Que vais fazer? *(João ri-se.)* Eu grito. Não posso mais e grito!

JOÃO: Melhor! *(De costas voltadas para a mesa e com a navalha atrás das costas vai forçando a fechadura.)*

SOFIA: Que estás a fazer?

JOÃO *(baixinho)*: Sou um ladrão, sabes? Sou um ladrão. Queres tu fugir comigo? És tu a mulher que me acompanhe na vida e na desgraça?

SOFIA: Sou tua mulher.

JOÃO: Sou só no mundo mas sei o que tu não sabes. Sei o que é fome, o que é matar e morrer. Tenho noites em que fujo como uma fera perseguida, e tenho horas em que sinto em mim outra coisa imensa... Posso ver chorar, posso ouvir gritar... Ladrão! ser ladrão!

SOFIA: És a desgraça de nós todos. Queres matá-los a ambos, ao velho e à mãe?

JOÃO: Eu não tenho ninguém, sou só no mundo.

SOFIA: Que estás a fazer?! que estás a fazer?!

JOÃO: Estou a roubar.

SOFIA: João! João!

JOÃO: Mais baixo, fala mais baixo.

SOFIA: Perde-lo e perdes-nos! O que o velho vai chorar! Não! Não! *(Chama.)*
Pai.

JOÃO: Cala-te!

SOFIA: Venham! acudam! Mata-me! Não passas!

João investe com a porta, atirando com Sofia para o lado. Brilho da faca. Rolam algumas moedas.

SOFIA, GEBO E DEPOIS DOROTEJA

GEBO: Filha! A roubar! a roubar o que não é nosso! E se ela ouve! *(Corre à porta que dá para o interior e fecha-a.)* A velha vê... Filha, fecha a gaveta. *(Arranja à pressa os papéis em cima da mesa. Doroteia fora bate.)* Se ela sabe, morre! *(Doroteia bate com mais força e ele abre-lhe a porta.)*

DOROTEIA: Que barulho é este? Que é isto aqui?

GEBO: Nada. Uma questão que eles tiveram e mais nada. Então tu choras?! Tu choras?! Isto não vale dez reis, dou-te a minha palavra de honra. Dou-te a minha palavra de honra! Zangaram-se – e mais nada. Uma coisa simples, um sonho – e mais nada. *(Vai falando sempre cada vez mais baixo.)* Destas coisas que acontecem – e mais nada... *(Com voz sumida, quase a chorar.)* E mais nada.

Doroteia sempre à porta, calada e hirta, olha a cena. Depois lentamente tapa os olhos com as mãos.

TERCEIRO ACTO

O mesmo cenário

GEBO E SOFIA

SOFIA (*abrindo a porta*): Então?

GEBO: Ninguém o viu, ninguém mais o viu. (*Com o guarda-chuva aberto.*) Um guarda-chuva tão bom! Como as coisas se gastam depressa! Dantes não era assim... Perguntei por ele a toda a gente... (*Mostrando-lhe o guarda-chuva.*) Vês que grande rasgão?

SOFIA: E agora para ir à Companhia com este inverno?

GEBO: Para ir?... Ah, sim!... Os repertórios dão bom tempo... Já veio mais algum recado do senhor director?

SOFIA: Não.

GEBO: Não tardam a entrar por aí dentro e ou ele ou eu...

SOFIA: Quem?

GEBO: Ninguém. Falo do tempo... Tu verás como isto muda. Temos um inverno muito seco, verás. Ora agora... agora... (*Hesitante.*) Ir para a Companhia... Já lá vão três dias!

SOFIA: Que havemos de fazer?

GEBO: Eu sei... sei lá.

SOFIA: E o dinheiro? o dinheiro?

GEBO: Schiu... (*Apontando para dentro.*) Ela chora?

SOFIA: Chora.

GEBO: Ah, chora... E preciso que não chore. Tenho um medo que o saiba... O seu filho! Não se fartava de dizer: «Quando o meu filho vier, verão! Acaba-se a desgraça.» (*Noutro tom.*) Acaba-se a desgraça! Toda a sua vida tem vivido nesta ilusão. Eu por mim não me importo, a gente afaz-se a tudo, mas ela... Chora?

SOFIA: Chora. Mas não é só ela que sofre. Que vai ser de nós todos agora?

GEBO: O principal é que ela o não saiba nunca. Nunca! Era a sua última esperança. Quem havia de desiludi-la? Desiludi-la seria pior do que ir às árvores e

arrancar-lhes todas as flores. Vai, vai que não nos veja juntos, pode desconfiar. (*Sofia dirige-se para a porta.*) Parece que estou molhado... e na cara, na cara também. Há-de ser da chuva. (*Sorri.*) Olha agora se me punha também a chorar!... Um guarda-chuva tão bom! Está tudo caríssimo, não sei onde há-de ir isto parar... Ela não desconfia, e basta vê-lo para se adivinhar... Um filho!

SOFIA: Talvez ela saiba tudo...

GEBO: Ah! Se soubesse tudo já tinha morrido.

SOFIA (*que se detém ao sair*): E basta vê-lo... (*Volta lentamente para ao pé do Gebo que se senta à mesa e escreve.*)

GEBO: «Levo ao conhecimento de V. S^a que o dinheiro da co branca 7501750 rs., pertencente à Companhia Auxiliar, responsabilidade limitada, foi roubado na noite de anteontem nesta minha casa, sendo desconhecido o ladrão. (*Repete espaçando as palavras.*) Sendo – desconhecido – o ladrão.» Ah, meu Deus, que letra que eu tinha de antes!... (*Para Sofia.*) Agora com estes desgostos vês?... (*Continua a escrever.*) «Il.mo e Ex.mo Senhor...» Lá me esquecia a data!

SOFIA (*como quem quer falar doutra coisa maior que a subjuga*): Mas se essas pessoas ricas lhe perdoassem?

GEBO: Perdoar o quê? o dinheiro, filha? O dinheiro nunca se perdoa.

SOFIA: Mas, pai... Espere... Pai! Mas então o nosso dever é ser pobres, é ser desgraçados toda a vida? É sacrificarmo-nos sempre? Eu não posso! Eu sufoco! O melhor é confessar-lhe tudo. Batemos-lhe ali à porta e gritamos: – O teu filho...

GEBO: Isso nunca! Fala baixinho. Eu também não posso! Cá por dentro só tenho gritos e falo baixo para que ela não ouça, para ninguém me ouvir. Sempre a mesma discussão e tudo escondido... Porque eu disse-lhe: – Não te aflijas. – E ela disse-me: – Se mo tirassem agora que o vi – morria. – Ah, morrias? – Morria. – Por minha causa foi a sua casa hipotecada e vendida. Gastou-se a sonhar e o seu sonho é amargo e inútil – por minha causa. E agora... agora hei-de dizer-lhe... Eu também não posso, eu também sufoco!

SOFIA: Se a gente faz tudo isto e é tudo inútil... Se a gente vive iludida, morre iludida e não torna mais a viver!

GEBO: Não torna mais?... Mas tu que tens?

SOFIA: Eu desespero. Pois o pai não vê, não reflecte, não compara? Não pergunta a si próprio como eu pergunto: – De que nos tem servido o sacrifício? Pobres e humilhados... sempre pobres. Olhe bem... veja bem... Mais tarde não é tempo. O que eu sofro quando comparo a nossa vida com outra que entrevejo!

GEBO (*mais baixo*): Mas escuta... Tu não sabes nada da vida... Que queres tu que eu faça, filha? Eu não posso ser senão isto, e sabe Deus à custa de que sofrimento! Quem me quer na praça depois do que aconteceu?... E... e... (*senta-se*) isto já era uma

esmola. Há muito tempo que na Companhia só me tinham por piedade...

SOFIA (*sufocada*): Uma esmola?!... Uma esmola?!

GEBO (*geme*): Anh... (*Abana com a cabeça que sim.*)

SOFIA (*mais baixo*): Uma esmola!

GEBO: Pior. Eu quase não vejo para fazer as escritas. Já fazem escárnio de mim...

SOFIA: Escárnio?!

GEBO (*geme*): Escárnio – anh...

SOFIA: Riem-se de si! riem-se de si!...

GEBO: Espera... Escárnio... não é bem escárnio, não te aflijas. Riem-se às vezes de mim, mas eu não me importo. E um costume. Fui sempre um pobre homem e já não estranho...

SOFIA: E vivemos assim calados há oito anos!... Antes berrar-lhe ali a verdade. Talvez a verdade nos salve.

GEBO: Era matá-la por minhas próprias mãos. Há trinta anos que vivemos das mesmas alegrias e choramos juntos. Há trinta anos que pensamos as mesmas coisas. Antes quero morrer do que dizer-lhe a verdade. O meu dever é outro.

SOFIA: Sempre o dever – para a desgraça. Bem peso a nossa vida para encontrar a razão da nossa desgraça e não a encontro... Veja, olhe um momento para mim e para si, para toda a nossa vida amarga... Foi tudo inútil? (*Suspensos um instante.*)

GEBO: Foi tudo inútil?... Tudo o que eu fiz? Espera... Às vezes... Eu também não entendo e dói-me! Inútil?... Mas sinto que todos precisamos de nos sacrificar. Então tu imaginas que eu não tenho também horas de dúvida? Duma tristeza inexplicável, quando ouço uma voz dizer-me baixinho coisas que não quero ouvir. Mas calo-as, mas finjo que as não ouço. É o meu dever. E teimo: tenho sido sempre um homem honrado, arrastei sempre esta cruz... Tu ouve-la?

SOFIA: Chora.

GEBO: Só chora, anh?... Como tudo isto me dói!... Mais baixinho, aqui ao pé de mim... Olha... Como tu tremes! E então – ouves isto? – nesses minutos horríveis, digo a mim mesmo aquelas palavras que ela me repete tantas vezes: – A honra tem-me servido de muito! Fizeste a tua desgraça e arrastaste-as contigo à desgraça. – Será assim, filha? Terei eu sido egoísta? Os outros estão ricos e eu estou pobre, por causa dos meus escrúpulos? Se soubesses o que isto me custa! O que isto me tem custado de gritos sem ninguém ouvir! Aqui entre nós nunca o contei a ninguém, nem talvez a mim mesmo. Não chores... Às vezes sinto-me tão pobre e tão triste! Vem-me um negrume, é mais que tristeza, é talvez a morte... Um homem deve ser honrado acima de tudo, o seu dever é ser justo e honrado ou é enriquecer?

SOFIA: Ah! (*Olha-o calada.*) Também duvida?...

GEBO: Não! não! não duvido! Mas isto pode mais do que eu.

SOFIA (*num grito abafado*): Nenhum de nós se conhece. Nenhum de nós se conhece! Temos aqui vivido há muitos anos dominados por uma sombra. Eu já não posso mais!...

GEBO: Filha!

SOFIA: Tenho-lhe medo! Tenho-me medo! Antes o não tornasse a ver! O seu coração pôs-se de pedra. De noite acorda aos gritos e o seu riso gela-me.

GEBO: Oh!

SOFIA: Se o pai o visse como eu o vejo!... Se o ouvisse!...

GEBO: E o teu homem.

SOFIA: Mas há pior! há pior ainda!... Tenho medo doutra coisa, doutro mundo de pesadelo. A minha roda tateia não sei o quê que me aterra e deslumbra. A uma palavra sua entrevejo outra vida. Um rasgão... Uma vida com os vivos e os mortos. Para que destino? para que inferno?

GEBO: Tu deliras, filha. É preciso serenidade. Todos temos deveres a cumprir... Eu mesmo não sei, não entendo e quero ver...

SOFIA: É uma coisa que me mete medo e que me atrai. Talvez ele tenha razão, e talvez de quem eu tenha mais medo é de mim própria. Há duas noites que não durmo. Que reflecto e comparo... A nossa vida humilde, fazendo todos os dias as mesmas coisas talvez inúteis, é a vida? A resignação é a vida? É a pobreza e a desgraça – ou há outra vida? Quando ele fala – quando ele ri – quando os outros nos desprezam – quando o pai é escarnecido...

GEBO: Schiu!...

SOFIA: Quando quero gritar e tenho de tapar a boca...

GEBO: Então tu achas que ele tem razão e que fez bem em roubar?

SOFIA: Não, não é isso. Isso é impossível. O que eu acho é que há talvez outra coisa maior que não conheço mas que pressinto.

GEBO: Outra coisa?... outra coisa maior?

SOFIA: Outra vida, que não é a dele nem a nossa, outra vida maior. Talvez a verdade.

GEBO: No céu?

SOFIA: Na terra. Temos vivido aqui tantos anos e nenhum de nós se conhece. Durante o tempo que passou, houve um ser interior que se criou e de que nenhum de nós suspeitava. Um ser que me mete medo e atrai. Espere... eu não posso, eu não sei exprimir o que sinto, mas compreendo que a vida não pode ser assim – não se pode ser pobre e desgraçado, pobre e humilhado. Neste mundo atroz, neste mundo onde não há a esperar piedade nem justiça, só os desgraçados é que têm de cumprir o seu dever?

GEBO: Não, filha, isso não! Isso não pode ser verdade!

SOFIA: Neste mundo onde se grita, ninguém ouve os gritos dos que sofrem? O pai chega até velho de rastos, com frio, quantas vezes com... oh meu Deus! Fale! Fale-me!

GEBO: Espera, filha, eu quero ver, mas não posso!... Eu também não sei, filha... Tu não percebes que também eu não posso ver? O que dizes... – por, o que não dizes – é a condenação de toda a minha vida. Esse negrume imenso sinto-o, pesa-me, esse negrume... Todos temos horas como estas. Às vezes também penso... Também cismo e como isto me dói! Mas não quero pensar! Não se deve pensar senão no dever a cumprir. Então eu hei-de me arrepender de não ter feito o mal? hei-de me arrepender de ter sido pobre e honrado?... Sim, na velhice talvez tenha um sentimento amargo e dúvidas que não têm razão de ser. Porque então é o mal que é preciso fazer! O mal! o mal!... (*Absorto.*) Se fosse isso... se... Queres então dizer que se eu não fosse honesto seria menos desgraçado? Não, não é isto, bem sei, filha... O que me dói dizer coisas que não entendo, o que me dói remexer no fundo de mim mesmo! Espera... O mal?..., o mal não pode ser! Espera que eu veja... (*Absorto.*) O mal!...

SOFIA: Ver! se nós pudéssemos ver!

GEBO: Espera, então espera... (*Numa concentração dolorosa.*) Isso seria a condenação de toda a minha vida... (*Meditando.*) Quero dizer... quero dizer então que, seja como for, a vida não é um sacrifício, mas um gozo... Para isso cada um deve, primeiro que tudo enriquecer, ainda que calque os outros!... Seja como for! seja como for! E quem o não fizer é iludido. Deve ser escarnecido... Espera... É justo que os que chegam à velhice pobres... – pobres e velhos!..., pobres e velhos!... – sejam espezinhados até pelos que mais nos amam, neste mundo horrível!... Pior: serias tu, para quem eu vivi, que me havias de calcar. Espera...

SOFIA: Não, meu pai, não!

GEBO: Espera, deixa-me ver... Agora quero ver. Um mundo sem justiça. Então todos se levantariam para me acusar; então todos têm razão quando me chamam o Gebo? A vida!... Filha, eu não posso ver!... És tu?! tu?... Oh, isso não! Eu preciso de alguém que creia em mim, preciso de sentir a tua mão na minha mão. O pior horror seria esse! Seria a morte. Como isto me dói! Tu duvidares de mim e do sacrifício da minha vida..., quando eu... Então eu próprio duvidaria de mim, eu próprio, anh?... Pelos Outros sim! mas por vós! por ti!... Mostrar-me o quê? Mostrar-me que fui iludido? Mostrar-me a mim mesmo, escarnecer-me a mim mesmo, anh? O escárnio! o escárnio!

(*Põe-se a rir baixinho.*) Quero ver! quero ver! Espera que quero ver e hei-de ver!...

SOFIA: Meu pai! Não!

GEBO: Ver! (*Fita o vácuo com medo; depois num grito.*) Ver!... (*Um momento a fisionomia endurece-lhe, transformada. E outro. Mete medo.*) Quero ver!

SOFIA (*num grito de quem vai a tapar-lhe os olhos, grita*): Não! não! não!

GEBO (*sucumbindo logo, mais baixo*): Como isto me dói! Como me dói o que dizes, aqui no coração! Não é isso, não é isso... Não é que eu afinal não consiga entender. Tu não tens razão. Está claro como água: nós viemos a este mundo para cumprir o nosso dever. Não é isso que me dói. Sobre isso não pode haver dúvidas, filha! Escuta: Se não tivéssemos de cumprir o nosso dever, este mundo não era possível... A outra coisa... a outra coisa é que eu não entendo, uma coisa que me magoa como uma pedra aqui dentro... Que me dói tão fundo!... Tenho cumprido sempre o meu dever e não sei se me tem servido para alguma coisa cumpri-lo... Nisso tens razão: riem-se de mim. E há uma voz que me prega que se eu não tivesse cumprido o meu dever, talvez tivesse sido mais feliz. Mas isto não pode ser – e dói-me. Isto não tem razão nenhuma de ser e aflige-me. Sim, há talvez outra coisa como tu dizes, mas é imaginária. Evidentemente a gente tem de se sacrificar e de cumprir o seu dever. Existe uma força superior... Se não fosse o senhor director que havia de ser da Companhia? Sim, sim, sim... Não pode haver dúvidas a este respeito. A outro respeito talvez...

SOFIA: Fugir... E se nós pudéssemos ao menos fugir? Para muito longe!...

GEBO: Fugir para onde? Ninguém foge à desgraça. À Companhia também não torno. Com que cara havia de aparecer ao senhor director? – «Ó Gebo, vamos a contas. Ó Gebo, quanto trazes? – Não trago nada senhor director». – Contar o quê? que havia de lhe contar? – «Gebo, apresenta o dinheiro» – diria com toda a razão. Onde hei-de ir buscar setecentos e tantos mil reis, quase um conto?

SOFIA: Mais nos valia morrer!

GEBO: Também não se morre assim. E ela? Tenho-lhe mentido sempre, passei a vida nisto: – eu a mentir e ela a sonhar. Não chores, vai para ao pé dela e fala-lhe.

SOFIA: Não saio de ao pé de si.

GEBO: O que é preciso nas grandes ocasiões é cada um saber qual é o seu dever. Aqui é que está a verdade. E depois cumpri-lo sem uma hesitação, ouviste? É a isto que se chama a linha do dever. Eu estou inutilizado. Sou menos que nada. Morrer? Morrer é fácil, o que eu tenho é obrigação de me sacrificar. Eu cumpri sempre o meu dever na Companhia e na praça. Às vezes o dever é amargo, o dever é duro, mas o homem só se diferencia dos bichos em cumprir o seu dever. Tu ouves?

SOFIA: Eu ouço-o mas não o entendo. Se quer fugir e abandonar-nos ficamos nas mãos dele.

GEBO: Agora sou um tropeço, e mais nada. Talvez ele se arrependa e cumpra o seu dever. Vai para ao pé da tua mãe. Eu sei o que hei-de fazer. Não cismes mais. O dever não é uma coisa que se pese para saber quanto dá. É a razão da nossa vida. Se não

fosse o dever, não te tinha criado. Eras mais uma boca a sustentar. Todos no mundo carregam com este fardo. Suponho que seria uma alegria deitá-lo fora, mas nesse caso que era a vida? Pergunto-te... Ninguém mais ia à repartição, ninguém fazia senão a sua vontade, ninguém queria saber dos outros. Já vês... (*Pondo o ouvido à escuta.*) Tu ouvi-la?

SOFIA: Chora sempre.

GEBO: Só chora! Por minha causa tem chorado tantas lágrimas!... (*Vai escutar à porta.*) Chora... O resto não importa, o que é preciso é entregar-lhe o filho. A culpa foi minha, enganei-a sempre. Dizer-lho, seria matá-la por minhas próprias mãos. Não posso, não posso! Chora?

SOFIA: Chora.

Percebe-se que o Gebo toma uma resolução. Pega na carta de cima da mesa e rasga-a em pedaços.

GEBO: O meu dever é outro. (*Indo para a porta.*) Não chores, mulher, está tudo arranjado.

SOFIA: Pai!

GEBO: Está tudo arranjado. (*Escutando.*) Já não chora, ouves?

SOFIA: Mas então como?...

GEBO: Agora deixa-me, vai sossegá-la. (*Leva-a para a porta.*) Vai.

GEBO, SÓ

GEBO (*absorto*): Como isto me dói! como isto me dói!... Mas então o que é o dever? É só uma palavra? é só uma palavra e mais nada? Não! não! (*Pausa.*) Vem a polícia e eu... Roubar não! toda a gente no comércio diz: – O Gebo é honrado. – Mas o que eu posso e... (*Escuta.*) Já não chora! já não chora!... O que eu posso é dizer: –Fui eu. – Como isto me dói! (*Pausa.*) Digo: – «Sim, senhor comissário, fui eu. Saibam-no todos, fui eu. Confesso tudo. Tenho lido nos jornais que os ladrões não confessam, mas eu confesso tudo. Trouxe a mala para casa, todas as noites a trazia. Bem sabe que toda a gente confiava em mim. Já duma vez trouxe dois contos oitocentos e cinquenta mil réis. Eu era honrado, agora já o não sou. Roubei-o, gastei-o. Prenda-me, senhor comissário. Fui eu que...». (*Pausa.*) Mas então é a mim que me prendem, levam-me para a cadeia. Não as torno a ver!... Tenho o coração negro como a noite... É uma coisa tão funda que não sei donde vem. É uma voz que começa a falar baixinho e que a gente tem por força de sofrer e de ouvir. Uma coisa que não me pertence e de que me não consigo desfazer. Esta voz não é a minha voz e revolve-me, dói-me, dói-me... Oh, como isto me dói! como isto me dói!... Não, não posso ver! Não quero ver! não te quero ouvir!... A gente não pode pensar nestas coisas... que doem tão fundo!... Coitada da pobre!... Esqueceu-me de lhe dizer que há o bem e o mal, e a nossa inteligência não se fez senão para

discernir o bem do mal... Uma casa de comércio bem ordenada.. .Se os livros não estão em ordem e a escrituração mal feita, no fim do ano ninguém se entende. Há uma linha de conduta que ninguém deve transgredir. Se me dão uma ordem, eu que faço? Cumpro-a. Tenho-a cumprido sempre. Isto dói, mas se não doesse que mérito havia no sacrifício?... O que eu tenho é medo. Já hoje de manhã quando saí, um polícia se pôs a olhar para mim: – Lá vai o ladrão... – (*Respira mais fundo.*) É certo, a gente dá tudo aos filhos. E não tem obrigação de lhes dar a vida? Matá-la, antes matá-la!... Seria melhor matá-la... Oh! (*Escuta.*) Passos outra vez! Vozes na escada! São eles! são eles! (*Batem à porta.*)

GEBO, DOROTELA, SOFIA, UM POLÍCIA,
CHAMIÇO, GENTE DO POVO

GEBO: Não abram! não abram! Mulher! Filha! Esperem! Estão ali! ali!

SOFIA (*correndo para ele*): Não!

Gebo esforça-se por serenar. Ouve-se a gente fora falar mais alto. Abrem a porta e entram.

GENTE DO Povo: É ele! Foi ele!...

GEBO (*com simplicidade*): O ladrão sou eu, fui eu que roubei.

QUARTO ACTO

Três anos depois. Uma sala mais pobre. As mulheres mal vestidas

SOFIA E CANDIDINHA

Candidinha espera. Aspecto trágico. Chapéu mais velho, xaile mais gasto.

SOFIA (*entrando*): Esperava-me?

CANDIDINHA: Esperava-te, ingrata. Trato-te aqui uma pinga. (*Tira a caneca debaixo do xaile.*) Vens da fábrica?

SOFIA: Saí agora. Estou cansada. A desgraça pode mais do que a gente.

CANDIDINHA: Goza a vida, filha, enquanto é tempo e nada de aflições. Quantos te hão-de por aí dizer que és bonita...

SOFIA: Antes morrer!

CANDIDINHA: Morrer! morrer!... (*Mudando de tom.*) E o João?

SOFIA: Há dias em que nem o vejo. Quando vem a casa é para levar algum trapo para o prego. Eu trabalho porque é preciso que a velha coma. Se não fosse ela...

CANDIDINHA: Aí tornas tu... O que sofres já eu sofri ou pior. Neste mundo só há dor e vaidade... Os homens! os homens!... E ainda tu tens isto (*apontando-lhe a cara*) que nada paga.

SOFIA: Isto?

CANDIDINHA: Esta frescura da mocidade. Mas deixa-te ir para velha e verás! É pior do que trazer uma pedra no coração sem a poder arrancar. E se a gente se queixa, riem-se. (*Sofia chora.*) Mas não chores, filhinha, que as lágrimas põem a gente feia. É para o que servem. A mim já não há desgraça que me arranque uma lágrima. E o velho não escreve?

SOFIA: No primeiros meses ainda escreveu.

CANDIDINHA: E vós íeis vê-lo?

SOFIA: As vezes, mas ele teimava sempre em não querer. Depois mudaram-no de cadeia e as cartas rarearam. Há muito já que não escreve.

CANDIDINHA: E quando sai, filhinha?

SOFIA: Está a acabar a pena. É o que nos vale. Olhe que às vezes penso em me

deitar ao rio. Já lá vão três anos e nunca mais tive senão lágrimas. Choro noites a fio quando me deixam chorar.

CANDIDINHA: Também eu na tua idade pensei assim e olha que tenho pena de não ter tido coragem. Acabava-se tudo. Tinha sido melhor. Sabes lá o que passei!... Pior do que tu. Fui como tu espancada, batida, servida. Na tua idade, flor, o meu homem pôs-me na rua como quem escorraça um cão e nem uma côdea para a boca... Depois habituei-me à desgraça. Mas olha que tenho pena de não ter morrido. A água fez-me sempre um medo...

SOFIA: Para o que a gente nasce!... Só para sofrer.

CANDIDINHA: Só! Quem é pobre é para o que nasce. Depois vem a velhice e ainda é pior. E se a gente pede pão dão-nos escárnio. Eu ainda tenho experiência da vida que é o que me vale... Olha, vou-to dizer porque sou tua amiga. (*Mais baixo.*) Tenho-lhes ódio, odeio todos esses ricos que me fazem bem e que me dão de comer. Eles dão-me de jantar mas é por vaidade, para dizerem lá consigo: – «É por caridade, cá temos hoje a Candidinha por esmola.» – Eu abaixo a cabeça e humilho-me, mas se tu soubesses a inveja e o ódio que lhes tenho! A Candidinha vai, a Candidinha vem, de rastos como a cobra. Um vestido de seda, um chapéu, as suas alegrias, as maiores e as mais pequenas, tudo lhes invejo, tudo!... As vezes de tanto invejar fico com uma dor aqui. Até me vem a palpitação. E como eu me alegro quando há desgraça numa casa!

SOFIA: Não diga isso!

CANDIDINHA: Digo, digo! Pois quant'ê! ... Então tu pensas que posso ver alguém feliz, eu que nunca tive senão misérias? Eu que nunca comi à minha vontade e que ando vestida de trapos quando nasci para trazer sedas como as outras? Eu cá ainda que possa não faço bem a ninguém... Com que cara triste entro numa casa onde aconteceu desgraça. Se tu visses!... Mas cá por dentro vou a dizer num repique: – É bem feito! é bem feito! – E a minha vontade era dizê-lo cara a cara. Mas não posso – a Candidinha vai, a Candidinha vem, de rastro como a cobra. Até fico doente quando as coisas lhes correm bem. Ai minha filha, mas que se há-de fazer? A gente precisa da côdea senão rebenta para aí a um canto. Nós que nascemos para a desgraça temos de nos sujeitar, e aos ricos deve-se obediência. São eles que podem tudo e que dispõem de tudo.

SOFIA: Mais nos valia afinal morrer!

CANDIDINHA: Não dizes hoje outra coisa. Pois é claro que valia, filha, mais valia. Mas o pior é a coragem. E depois de velha a gente ainda se apegava mais a isto... Neste mundo há três coisas que só se podem avaliar quando se chega à minha idade: – Os homens, o dinheiro e a morte. Os homens!... Engana o teu, mente-lhe. Olha que ele faz-te o mesmo... O meu homem! Também eu dizia o mesmo noutros tempos. Hás-de ter o pago que eu tive.

SOFIA: Acabou-se! acabou-se

CANDIDINHA: Fazes bem. E com esta, adeus. Tenho de ir ainda a casa das Cardosos, das Fonsecaas, das Pereiras. Que sejam todas tão desgraçadas como eu fui e

que em vez de risos chorem lágrimas de sangue. Adeus, filha, este mundo é um mundo de enganos. Adeus. E segue os meus conselhos: Quando ele te ameaçar, bate-lhe o pé, não te deixes calcar que é pior. (*Reparando em Doroteia, que entra.*) Ora viva!

AS MESMAS, DOROTEIA E JOÃO

DOROTEIA: Levantei-me agora.

CANDIDINHA: E como vais?

DOROTEIA: Melhor, melhor.

CANDIDINHA: É o que eu digo sempre: – Não há como a desgraça para curar as doenças do coração. Nem a gente tem tempo para pensar nessas coisas. (*Reparando em João que entra pelo fundo.*) Então como vai essa bizzarria?... Falai no mau...

JOÃO (*para Sofia*): Eu já te tenho dito que não quero esta mulher cá em casa.

CANDIDINHA: Mulher! Veja lá como fala!

JOÃO (*aponta-lhe a porta e assobia*).

CANDIDINHA: Vou, mas olhe que não vim aqui pedir nada.

JOÃO (*assobia mais alto*).

CANDIDINHA: Eu sou uma pessoa de consideração, recebida em todas as casas, nas Pintos, nas FONSECAS, nas Meireles. Não sou nenhum lagalhé. (*Sai traçando o xaile.*)

JOÃO: A trouxa?

SOFIA: Está no quarto.

DOROTEIA: Filho!

JOÃO: Deixem-me! (*Sai.*)

DOROTEIA: Senta-te ao pé de mim. Queria-te dizer... queria-te dizer, mas não posso...

SOFIA: Que tem? sente-se pior?

DOROTEIA: Não, o que eu queria era... Há muitas noites que não durmo a cismar. Quanto falta ao velho para cumprir a pena?

SOFIA: Pouco tempo.

DOROTEIA (*a sua mão procura a mão de Sofia*): Queria-te dizer que tu é que és

a minha filha. Tudo, agora vejo tudo. Mas o que me custou a matar este sonho, que me tinha levado tantos anos a criar! Vejo agora o que tu e o velho sacrificaram por mim. O que terá sofrido! Hei-de dizer-lhe... nem sei o quê... tudo!

SOFIA: Qualquer dia aparece-nos aí.

DOROTEIA: Ele é também a única esperança que te resta? E outra coisa ainda te quero confessar, outra coisa em que cismo dia e noite... (*Mais baixo.*) Eu suspeitava tudo, eu tinha adivinhado tudo. Tudo... Tu compreendes isto que eu preciso de confessar antes que a vida se me acabe? Eu soube sempre tudo.

SOFIA (*baixo*): Que ele era ladrão?

DOROTEIA: Sim.

SOFIA: Que foi ele que roubou?

DOROTEIA: Sim.

SOFIA: E pôde! e deixou?!

DOROTEIA: Suspeitava tudo. E calei-me. A certeza não a queria ter, a verdade não a podia ver. Precisei sempre da mentira, não só da mentira que eu construí, mas da mentira dos outros para poder viver. Tinha-o criado. Era o meu filho. Enquanto todos os que me rodeavam não pudessem dizer-me: – E um ladrão – eu podia defender uma sombra, manter de pé uma sombra viva. Nem tudo morre, nem tudo está definitivamente morto, enquanto alguém sofre. Fiz-vos sofrer! *fiz-vos* sofrer não sei porque impulso, não sei porque necessidade de que sofressem comigo...

SOFIA: Sabia e calou-se!

DOROTEIA: Parecia-me que assim não era totalmente desgraçada, parecia-me que assim ele não era totalmente desgraçado. Há mentiras que podem mais do que verdades e a que a gente se apegava com desespero. Há mentiras que precisam de gritos e de alguém que as defenda até ao último extremo.

SOFIA: Sabia e calou-se! À custa de tantas lágrimas! Sabia e pôde calar-se!...

DOROTEIA: Suspeitava tudo. Sabia tudo. Alguma coisa maior me obrigou a calar... Era o meu filho, era também o meu sonho. Era o que eu teci anos atrás de anos sempre calada. Vocês fingiam – eu fingia. Vocês desabafavam, eu sonhava... E assim mantivemos de pé uma vida, que, sem a mentira, não teria razão de existir. (*Choram.*)

AS MESMAS, O GEBO E DEPOIS JOÃO

O Gebo aparece à porta. Vem sinistro, mais gordo, enlameado, com a barba por fazer. Voz rouca, bengalão preso ao pulso por uma correia, uma trouxa que pousa no chão ao pé de si.

GEBO: Então temos música no prédio? (*Silêncio de espanto.*)

SOFIA: Pai! meu Pai!

DOROTEIA: Meu homem!

GEBO: Sou eu... sou eu, é verdade... Que querem? Sch... Sch... (*Gesto que as detém.*) Sou eu. Que estavam vocês a fazer? (*Silêncio.*) Que estão vocês a olhar para mim espantadas? Sou eu... (*Senta-se.*) Não há por aí nada que se beba?

SOFIA: Pai!

GEBO: Ah, sim, sim!... É que na cadeia a gente aprende. O que eu aprendi na cadeia! Foi como se me abrissem os olhos. Na *choça* sabe-se tudo. Lá é que destapam os *lúzios* à gente.

Doroteia e Sofia olham-no com terror.

DOROTEIA: Queria pedir-te perdão.

GEBO: Deixemo-nos de lérias! Não me importo de estar na cadeia...

SOFIA (*aproxima-se de Doroteia.*)

GEBO: Lá aprende-se tudo, o que é a vida e o que vale a vida. A princípio custou-me... A minha volta e – pior! pior! – cá dentro, numa escuridão cerrada, só ouvia gritos e apupos: – Ó Gebo! ó Gebo tu roubaste! – Todos se riam de mim. Se contava a minha vida, o pão pelos outros, o sacrifício pelos outros, respondiam-me com risos de escárnio: – Ó Gebo! ó Gebo! – Mas pior! foi pior!... O que eu sofri para compreender, para me compreender a mim e aos outros, o que eu sofri com desespero e com gritos. – Ó Gebo! ó Gebo!... –E cada vez mais negro, cada vez maior a escuridão à minha volta. O que eu sofri para ver!... A luz – não esta luz que nos alumia – mas outra luz, não a tornei a ver, nem encontrei a que deitar as mãos. Eram homens como eu nunca vi homens, e vozes como nunca ouvi vozes, cá dentro! aqui dentro a pregar, a açular, cada vez mais alto e cada vez mais fundo. Ah, o que eu sofri!... Desespero e à minha volta os que roubam e os que matam... Uns vivos, outros mortos. Ah, essas noites não as dou por nada deste mundo, as noites em que a luz se foi fazendo cada vez mais clara. Eu sacrificara-me, para que os outros se rissem de mim. Para que... Esperem! esperem!... Houve então uma hora em que eu mesmo me ri de mim, tão alto! tão alto! que todos os ladrões se calaram... (*Respira fundo.*) Uma hora em que entendi tudo e todas as vozes dentro em mim se sumiram com medo à minha própria voz. (*Mudando de tom.*) A gente só se não arrepende do mal que faz neste mundo.

JOÃO (*que ao entrar estaca um momento à porta e ouve as últimas palavras do Gebo*): Só.

GEBO: Ah, és tu? és tu, anh? (*Ri-se.*)

JOÃO (*ri-se*): Sou eu, velho. (*Encaram-se um momento.*)

GEBO: Velho é o diabo! Chama-me o *Lesma* se queres, como os ladrões me chamavam. Eu sou um ladrão. Sim, no princípio lembravam-me as mulheres e doía-me o coração de saudade. Mas depois, o que eu me ri! Toda a gente se ri de quem é Gebo. Agora rio-me eu, rio-me do que sofri. E quando um dia cem ladrões clamaram virados para mim: – Ó Gebo! ó Gebo! – eu gritei-lhes: – Haja ai quem me chame o Gebo que o estrafeço. – Eu tinha boca e nunca tinha gritado, força e nunca tinha feito sofrer! (*Mudando de tom.*) Então não há por ai nada que se beba?

JOÃO: Vamos beber lá fora.

O Gebo deita-lhe a mão ao ombro e fala-lhe ao ouvido. Voltam costas e vão saindo muito juntos.

SOFIA (*num grito*): Foi tudo inútil! foi tudo inútil!

João e o Gebo saem enquanto as duas se abraçam soluçando.

O Rei Imaginário

Monólogo

No calabouço do Governo Civil. Ao subir o pano atiram para dentro o Teles e fecham logo a porta. O Teles é um homem de sobrecasaca no fio e botas cambadas.

TELES (*batendo com desespero à porta*): Abram a porta! Sou eu, o Teles! Canalhas! canalhas! A mim! ao Teles! Canalhas!... (*Sucumbido.*) Ao que eu cheguei!... Um magistrado! um antigo magistrado no calabouço! Ah!... Ah!... Que trambulhão! (*Suspira fundo. Pausa.*) Eu sou o Teles. Toda a gente me conhece. Algumas porcarias, o jogo... uma vergonha maior, e atiraram comigo para fora do quadro. Mas fui juiz, deviam ter por mim alguma consideração. Sou de uma família ilustre. De miséria em miséria acabei, é claro, por pedir à porta dos cafés e nas casas de jogo aos meus antigos condiscípulos. Outros começaram por aí e estão cheios de consideração, apesar de terem praticado toda a casta de infâmias. As infâmias não fazem ao caso. Saber-se também não faz ao caso. A questão é de maneiras... Há-os que por uma ninharia se degradam para sempre. Sorte. O que o mundo não perdoa é a falta de habilidade. E quando então se cai, cai-se de vez. Até os amigos têm pena da gente e dão-nos esmola. Esmola, anh?... Com que satisfação um deles me disse há dias: – Pega lá dez tostões, não quero que passes fome. Quando tiveres fome vem ter comigo que te dou uma placa. – Tinha-me odiado sempre. E eu aceitei! e eu aguento-me! eu vivo!... Sustento-me de ódio, de ódio inútil, bem sei. Ponho-me a cismar na ruína deste, daquele, de todos... Tenho-os nas mãos e desgraço-os. Maquino crueldades e imagino que tenho génio. Melhor! melhor!... A minha imaginação é ridícula, mas ampara-me. Se não fosse ela já tinha estoirado para aí a um canto... É com este sonho grotesco que levo a vida, é sonhando que tenho suportado a desgraça. Vingo-me assim e julgo-me feliz. (*Mais baixo.*) Sonho que sou rei... Caio de degradação em degradação e sonho sempre, sonho mais. De juiz passei a ladrão, de magistrado a ladrão – a sonhar. (*Mais alto.*) Aceitei primeiro dinheiro das partes. Fui surpreendido e vi morrer minha mulher de desgosto. Não! não! isto ainda é o menos... Vi-a morrer e suportei essa dor sonhando. Fui riscado do quadro e expulso. Habituei-me à vergonha de pedir. Pior, habituei-me a ser repellido. Vi os outros considerados e ricos, e vi-me a mim desprezado e pobre. Como pude suportar a vida? Sonhando, sonhando sempre... Tinha duas filhas, e uma vi-a morrer tísica. A minha filha!... Uma filha, anh?... e sonhei, entranhei-me mais no sonho... Não, nunca bebi, não bebo senão água por causa do fígado... Mas vê-la morrer! ouvi-la dizer-me: – Pai, tire de aí dessa gaveta a roupinha que está apartada para me vestirem com ela. Pai, essa saia que foi cosida pelas mãos de minha mãe... Sabe o que me custa? É deixá-lo só, porque o pai precisa de mim. Eu bem sei que só eu no mundo lhe sorria, só eu choro consigo e isto há-de fazer-lhe falta. – E eu suportei tudo! eu meti-a por minhas próprias mãos no caixão de aluguer! Eu pude com tudo, porque quando o coração se me parte; quando todas as fibras estalam; quando roubei e fui parar à enxovia; quando – pior! pior! –aquele meu amigo que odiei sempre me deu esmola – sonhava que era rei, e rei absoluto... Escusam de se rir, estou no meu juízo perfeito. Palavra que não bebo senão água. Tenho esta faculdade de sonhar acordado, de sonhar sempre que quero. Acho que

todos a têm, mas eu cultivo-a. Sou rei. (*Mais baixo em confiança.*) E rei absoluto. É extraordinário o que a cada um conserva até à velhice, até aos cabelos brancos de sonhos, de mamã! mamã! de infantilidades, quase sempre escondidas, para que os outros se não riam e a gente se não ria de si próprio! (*Mais alto.*) Este sonho sonho-o desde pequeno quando me batiam. Este sonho fui-o acrescentando pela vida fora sempre que as coisas me corriam tortas. E é o que me vale porque na minha vida há pior, muito pior... Mais desgraça. Tinha outra filha e perdi-a. Acho que fui eu que a perdi, embebido no sonho. Que canalha! que canalha que eu sou! E de que profunda abjecção não é capaz o homem ! Outro dia... A minha filha era uma flor e anda por aí com dezoito anos, por essas ruas. Tenho-a encontrado e já me deu esmola... Já me deu esmola, a minha filha! Noutro dia, ao pé do Tavares, ia com uns estúrdios, chegou-se a mim e meteu-me uma moeda nas mãos. Oh, meu Deus!... Desgraça acarreta desgraça. É então que eu sonho, é nessas noites que eu sonho cada vez mais desesperado. Fico em brasa. As vezes dão-me encontrões mas não vejo, não ouço, vou absorto, com o meu pão e o meu sustento. Quanto mais degradado mais sonho. Canalha, sim, bem sei que sou canalha – mas sonho. O homem que desce é capaz de tudo... (*Sorri.*) Agora é que eu devia ser juiz, porque aprendi e sei que atrás de cada ser há outro ser e de cada homem que conhecemos outro homem ignorado, agora que não passo do Teles... Outra coisa me persegue agora para além da papelada dos autos, outra coisa em que não tinha pensado, porque o juiz julga segundo o código e a lei, e eu julgaria segundo outro fantasma que está a meu lado, segundo outro homem que tenho encontrado em mim e nos outros. Tudo corre bem quando se vai pela vida fora metido entre duas paredes e sem se olhar para o lado. É o que há de melhor. Mas só quem sai de caminho trilhado é que sabe do que é capaz... É estranho o que se passa na alma em certos momentos. Estranho e horrível. Uma coisa imunda começa a falar, a pregar, a obrigar-nos a fazer aquilo a que não nos supúnhamos destinados... Julgar? mas julgar o quê?... O homem que tu és? ou o homem que está por trás de ti? Julgar-te! julgar uma alma! Uma alma! ... Foi talvez por isso que Aquele que sabemos disse um dia: – Não julgarás! – Não, não é só piedade por todo o ser humano, por todos os desgraçados, é outra coisa que tem sobressaltado as minhas noites, outra coisa maior, mais negra e mais profunda... Que distância há entre o homem e o homem? entre o homem correcto, o homem de todos os dias e o homem capaz de praticar um crime?... Que mixórdia! e que canalha eu sou quando deparo com o fundo de mim mesmo!... Mas não me julguem infeliz. Não sou infeliz. Devo confessar que depois que sou desgraçado é que me sinto mais feliz. Encontrei-me. Não tenham pena de mim. Sou o Teles que toda a gente conhece – e sou rei... E estes canalhas prenderem-me aqui por uma bagatela! Não terem por um antigo magistrado uma certa consideração! (*Bate outra vez à porta.*) Abram a porta! abram a porta! Há horas em que tudo isto me parece muito negro e muito doloroso. Há horas em que me encho de desespero e de vômito, e chego a ter vontade de morrer. As minhas filhas! o meu nome! a minha carreira! Mas hei-de vingar-me, hei-de vingar-me deles todos! Hei-de esmagá-los! Sou rei absoluto (*Faz gestos. Começa a absorver-se no sonho.*) Um dia chamo-os diante de mim e não tenho piedade. A minha presença! venham à minha presença!... Tu não, tu!... Tu mesmo!... Agora é que elas se pagam... (*E prossegue absorto no devaneio.*) Eu sou rei, vês? Compreendes o que eu sou? Sou rei, meu amigo, e rei absoluto. Sim, sim... absoluto! (*E fica a cismar fazendo gestos e falando em sonho*): – Anh? Olá! – (*Enquanto o pano desce.*)

O Doido e a Morte

Farsa em um acto

PERSONAGENS

O SR. MILHÕES.
O GOVERNADOR CIVIL.
D. ANA BALTASAR MOSCOSO.
NUNES, polícia.
Polícias, enfermeiros, etc.

No gabinete do governador civil. Ampla secretária e em frente uma mesa mais pequena.

GOVERNADOR CIVIL E NUNES

GOVERNADOR CIVIL (*escreve sentado à secretária*): «Acto III, cena quinta – Chegou o momento cheio de horror em que sinto o solo fugir-me debaixo dos pés.» (*Pousando a pena.*) Estou hoje inspirado. Tudo me sorri, a manhã, o céu, a musa. (*Toca a campainha.*) Ó Nunes.

Entra o Nunes e quando o Nunes abre a porta vêem-se alguns polícias sentados num banco de pinho, lendo jornais.

NUNES: Senhor governador civil.

GOVERNADOR CIVIL: Se vier por aí alguém, não estou para ninguém.

NUNES: Sim, senhor.

GOVERNADOR CIVIL: Seja quem for.

NUNES: Sim, senhor.

GOVERNADOR CIVIL: Para ninguém. (*Nunes sai.*) Aproveitemos estas felizes disposições. (*Escreve.*) «Ela: – Sabes? sabes enfim o que te não ousou confessar?...» Agora precisava aqui duma frase de efeito. (*Procura nos livros que tem em cima da mesa.*) Aqui há-de haver porque aqui há de tudo... (*Escreve.*) «Ele: – É o momento..., é o momento mais trágico da minha vida.» (*Passando a mão pela cabeça.*) Estou a comover-me muito. Isto até me pode fazer mal.

NUNES (*abrindo a porta*): Está aqui...

GOVERNADOR CIVIL: Caramba! Não estou para ninguém. Isto é demais, Nunes! Castigo-o com três dias de vencimento.

NUNES: É o sr. Milhões com uma carta do presidente do ministério.

GOVERNADOR CIVIL: O sr. Milhões? que entre... que vida esta! que pais este! Exactamente no momento psicológico, no momento em que me remontava. Nunes!

Ai do Lusíada coitado...

Isto não é um país, é uma selva onde os homens de génio têm de ser ao mesmo tempo governadores civis. (*Lendo o bilhete.*) O sr. Milhões. Diz-lhe que entre, diz-lhe depressa que entre. (*Abre a carta.*) É o próprio ministro que recomenda o homem mais rico de Portugal.

Nunes introduz o sr. Milhões e uma caixa que é colocada no chão entre as duas mesas com muitas precauções. – Aqui. Cuidado... Está bem... Pode retirar-se. – O sr. Milhões é um homem importante e severo, de grandes suíças cuidadas e lunetas de aro de oiro. Sobrecasaca.

GOVERNADOR CIVIL E O SR. MILHÕES

GOVERNADOR CIVIL: V. Ex. a tenha a bondade de se sentar. Há que tempos que tenho a honra de o conhecer de vista e de nome. Então?...

Mas o senhor Milhões embezerrado não diz palavra. Com a maior indiferença dispõe a caixa e faz a ligação dum fio eléctrico para a campainha da mesa que está em frente da secretária do governador civil. O outro segue-lhe os movimentos com uma curiosidade crescente.

SR. MILHÕES (*aproximando-se dele, confidencialmente*): O senhor sabe o que está aqui dentro?

GOVERNADOR CIVIL: O que é?

SR. MILHÕES: A morte!

GOVERNADOR CIVIL: Pelo que vejo o negócio é grave?

SR. MILHÕES: Muito grave. Vim de propósito de automóvel para não dar nas vistas. V. Ex.^a já leu a carta do presidente do ministério? Há muito tempo que o admiro.

GOVERNADOR CIVIL (*lisonjeado*): E eu! e eu! Tenho por V. Ex.^a a maior consideração. (*Levanta-se e ao passar entre as mesas dá um pontapé na caixa.*)

SR. MILHÕES: Cuidado que podemos ir todos pelos ares.

GOVERNADOR CIVIL (*dando um salto*): Anh!?

SR. MILHÕES: Repito, o negócio que me traz aqui é muito grave. (*Senta-se cerimoniosamente e o governador civil vai postar-se na sua secretária.*)

GOVERNADOR CIVIL: Estou no exercício das minhas funções.

SR. MILHÕES: O maior crime de todas as épocas, a suprema tragédia de todos os tempos! Vamos estoirar dentro de vinte minutos. (*O governador civil muda de expressão à medida que o outro fala.*) O que o senhor vê aqui nesta caixa é o mais formidável de todos os explosivos $\text{SO}^3\text{-HO}^4$, cem vezes mais poderoso que a dinamite, o algodão pólvora, e o fulminato de mercúrio. Basta carregar nesta campainha para irmos todos pelos ares, eu, o senhor, o prédio, o bairro, a capital. $\text{SO}^3\text{-HO}^4$. O peróxido...

GOVERNADOR CIVIL: Quê? quê? que peróxido!?

SR. MILHÕES: O peróxido de azote.

GOVERNADOR CIVIL (*mastigando*): Isso é sério?

SR. MILHÕES: Muito sério.

GOVERNADOR CIVIL: Ó Nunes!

SR. MILHÕES: Pode vir o Nunes e todos os regimentos da capital... Quando eu tocar nesta campainha arraso tudo. O peróxido de azote é a maior invenção deste século. Basta carregar aqui com o dedo... (*Ele, de lá, faz-lhe um gesto de súplica, sem poder falar, para o outro retirar o dedo.*) Mas nós ainda não nos explicamos. (*Tirando o relógio.*) Temos tempo.

GOVERNADOR CIVIL: Temos muito tempo. Ó Nunes!

SR. MILHÕES: Chame quem o senhor quiser. Chame lá o Nunes por uma vez. É-me indiferente. (*O governador civil levanta-se e vai a sair precipitadamente.*) O que me não é indiferente é que o senhor saia daqui. Ah, isso não! Ao senhor escolhi-o para morrer comigo.

GOVERNADOR CIVIL: Muito obrigado!

SR. MILHÕES: E se dá um passo para fora daquela porta, faça saltar tudo.

GOVERNADOR CIVIL: Mau! O senhor não se ponha com brincadeiras. Eu sou um governador civil, uma autoridade constituída, e o senhor lembre-se que tem mulher e filhos. É um homem de ordem, é um homem rico... O senhor... Então eu estou aqui sossegado, no cumprimento do meu dever, a escrever uma peça, nunca lhe fiz mal nenhum, tenho por V. Ex.^a a maior consideração... V. Ex.^a está incomodado? quer tomar alguma coisa? (*E sempre mais alto.*) Ó Nunes!

SR. MILHÕES (*com desdém*): Acabe lá com isso!

GOVERNADOR CIVIL: Então se V. Ex. a me dá licença, é para lhe pedir um copo de água.

SR. MILHÕES: Chame quem quiser. A questão é entre mim, V. Ex.^a e o peróxido de azoto. Trr... trr... Se V. Ex.⁸ sair daqui... trr.

GOVERNADOR CIVIL: Ó Nunes! (*O Nunes entra.*) Ó Nunes, ele está doido e a caixa é de dinamite – uma caixa daquele tamanho! (*O Nunes arregala os olhos.*) Quando eu disser disfarçadamente: – «Não ouve tocar lá em cima?» – vocês todos caem à uma sobre ele e seguram-no bem seguro. Ouviste? (*O Nunes diz que sim com a cabeça sem poder falar. O senhor Milhões tem seguido atentamente a cena, de ouvido à escuta e confiando as barbas respeitáveis.*)

SR. MILHÕES: Sente-se senhor, não faça figuras tristes. O senhor está a tratar-me com menos consideração e a desconhecer a importância do meu papel no universo. (*Exaltando-se.*) Eu sou imperador, sou rei, sou Deus! Posso à vontade aniquilar o universo, ou fazer uma grande hecatombe. (*Exaltando-se cada vez mais.*) Tudo depende de mim. Eu! eu! eu! (*Bate punhadas na mesa.*) Em que se distinguem os heróis e os imperadores da canalha sem nome? Pelo número de homens que podem aniquilar sem responsabilidade nenhuma. Trr! trr!... E mato-me e mato-o!

GOVERNADOR CIVIL: Ai Jesus! ai Jesus! ai Jesus!

SR. MILHÕES (*de pé*): Destruo uma cidade! SO^3-HO^4 – fórmula única. Destruo talvez um povo.

GOVERNADOR CIVIL (*mais baixo*): Mas o senhor Milhões ainda não se explicou.

SR. MILHÕES (*serenando imediatamente*): É verdade, ainda não me expliquei. Peço desculpa. (*E sempre respeitável, sempre com imponência.*) Aqui há tempos, faz exactamente um mês, quando passeava à tarde sob as árvores do meu quintal, senti de repente que se me abriam os segundos olhos.

GOVERNADOR CIVIL: Os?!!

SR. MILHÕES: Os da alma.

GOVERNADOR CIVIL (*sucumbido*): Ai meu Deus, que estou perdido!

SR. MILHÕES: E vi de repente o mundo não como todos o vêem, mas como ele é na realidade.

GOVERNADOR CIVIL: A cabeça estoira-me!

SR. MILHÕES: E à medida que os segundos olhos se me foram abrindo, mais funda se me radicou a vontade de destruir tudo isto. O peróxido de azoto...

GOVERNADOR CIVIL: SO^3-HO^4 . O senhor é tolo! o senhor pode ainda ser

muito feliz! o senhor pode recuperar o uso das suas faculdades. Olhe que o senhor arrepende-se. Pelo amor de Deus, deixemo-nos de tolices! Ouça, ouça... O senhor não ouve tocar lá em cima? (*Mais alto.*) O senhor não ouve tocar lá em cima? (*Berrando.*) O senhor não ouve tocar lá em cima?

SR. MILHÕES (*com fleuma*): Grite mais alto se lhe parece! O senhor está a dar um espectáculo abjecto. Escusava de fazer essa triste figura... Safaram-se. Eu percebi tudo. Puseram-se logo ao fresco. Pode ver. (*O governador civil abre a porta. Os polícias fugiram, o banco está deserto.*) Sente-se, não podemos perder tempo. Sente-se e ouça. Ninguém o arranca das minhas mãos. Há quem diga que estou doido. Diga-me com franqueza, conhece-se que eu esteja doido?

GOVERNADOR CIVIL: Ora essa, V. Ex.^a está no uso completo da razão, eu é que me sinto endoidecer.

SR. MILHÕES: Antes de mais nada é preciso que me compreenda bem. Eu sou eu, sou um amigo da humanidade. A um gesto meu desaparece a desgraça da face da terra, acabam os crimes, as misérias e as paixões. Fazendo saltar o globo, suprimo para sempre os gritos e todas as injustiças. Suprimo a morte.

GOVERNADOR CIVIL: Perdão, sr. Milhões. É preciso que atenda a várias circunstâncias pessoais. Eu não estou preparado para morrer. Não se morre assim sem mais nem menos. Morrer! morrer!... Então o senhor pensa que isto de morrer é uma coisa sem importância nenhuma? Morrer é uma coisa muito séria, é um acto que importa certa preparação, testamento, cólicas, etc. E só chegar aqui, morrer e mais nada! Que tal está o da rabeça! Morrer! Eu não quero morrer nem pensei nunca a sério que tivesse de morrer. Tenho ido a enterros, mas é aos dos outros... Então o senhor entra-me pela porta dentro, e sem mais nem ontem, de repente, fala-me assim de morrer como se eu fosse um condenado à morte, nas escadas da força? Adeus, meu amigo! Além disso é um crime. Previno-o de que é um crime, punido por todos os códigos, atentar contra a vida duma autoridade constituída, demais a mais no exercício das suas funções. Artigo 343 do Código Penal. Vamos, vamos... isso é um momento de desvario e mais nada. Espero que as minhas palavras o façam reconsiderar. (*O outro ergue-se implacável e aproxima a mão da campainha.*) Ai que ele está doido varrido! (*Exaltando-se.*) Senhor! senhor! (*Avança para o agarrar, mas O outro põe o dedo em cima do botão e ele afasta-se logo.*)

SR. MILHÕES: Faça favor de estar quieto. Eu admiro-o. Quando se representou aquela sua peça – *O Destino* – disse logo comigo: – que talento!

GOVERNADOR CIVIL (*desvanecido*): Muito obrigado. O que vale neste mundo são as almas irmãs.

SR. MILHÕES: Só ele é capaz de me compreender, só ele é digno de morrer comigo.

GOVERNADOR CIVIL: Mau! mau! mau!

SR. MILHÕES: Na sua peça há cenas verdadeiramente shakespearianas –, são as que não estão lá. Porque é necessário que o senhor saiba: os livros, as peças, a arte

enfim só vale pelo que nos sugere. O que lá está em regra não presta para nada; o que cada um de nós constrói sobre a linha, a cor, e o som, é que é verdadeiramente superior. Por isso lhe perdoei todas as banalidades que tem escrito, e passei a admirá-lo. Pulverizando-o comigo e com o globo, realizo o pensamento dos mais altos filósofos. *(O outro julgando-o entretido vai para fugir):* Fugir para onde? Não seja estúpido. Melhor é entrar comigo sem desvarios na categoria dos deuses. Elevo-o à categoria dos deuses.

GOVERNADOR CIVIL: Ó meu Deus! ó senhor!...

SR. MILHÕES: Trr, trr, e sou adorado, sou magnífico, sou único. *(Faz menção de tocar.)*

GOVERNADOR CIVIL: Perdão! perdão! perdão! Ao menos outra morte! estoirado não! Dê-me outra morte, uma morte onde o meu cadáver se possa sepultar com decência e em que haja possibilidade de me fazerem um enterro digno dum governador civil.

SR. MILHÕES: Ser pulverizado, pertencer ao cosmos, viajar nas nuvens, que melhor quer o senhor? que mais quer o senhor?

GOVERNADOR CIVIL: Fugir.

SR. MILHÕES: Não há nada que o salve.

GOVERNADOR CIVIL: Por cima moram minha mulher e meus filhos. Creio que não quer também assassiná-los. Julgo que a sua loucura não exigirá o sacrifício dessas inocentes vítimas. Posso chamar a minha mulher para fazer as últimas disposições?

SR. MILHÕES: Pode, contanto que não saia daqui e que se não demore muito. *(Vê a hora no relógio.)*

GOVERNADOR CIVIL: E eu que estive esta manhã para meter o revólver no bolso! E não acreditem em pressentimentos! Nunca mais saio de casa sem trazer o revólver. *(Pelo telefone.)* Aninhas... Ah, estás lá? estou aqui com um doi... Não, com o sr. Milhões... Esse, sim... Peço-te o favor de desceres... Não posso... Não me deixa sair daqui.

SR. MILHÕES: Diga-lhe que venha depressa.

GOVERNADOR CIVIL: Não te demores, Aninhas... Sim, sim.

SR. MILHÕES: Vem?

GOVERNADOR CIVIL: Vem já. *(Ela entra.)*

OS MESMOS E D. ANA BALTASAR MOSCOSO

GOVERNADOR CIVIL (*fala-lhe apressadamente ao ouvido com exclamações*): Ele! ele!...

ANINHAS: Anh?!

GOVERNADOR CIVIL: Sim, Aninhas, eu Baltasar Moscoso estou nas mãos deste infame. Se dou um passo daqui para fora, tr! pulveriza-me! E dinamite, é peróxido, aquela grande caixa... O que há de pior, arrasa prédios e bairros.

ANINHAS: Espera aí que eu já venho! (*Faz menção de sair.*)

GOVERNADOR CIVIL: Salva-me ou morre comigo.

ANINHAS: E os nossos filhos? Não sejas egoísta, nunca passaste dum reles egoísta. Eu disse-o sempre.

GOVERNADOR CIVIL: Ó Aninhas, mas tu disseste que quando eu morresse, morrias logo também.

ANINHAS: Disse e digo. Estou pronta a cumprir o meu dever. Sou duma família que se preza de cumprir os seus deveres. Mas nunca te disse que morria, como as mulheres da Índia, numa pira. Queimada não! A minha religião é católica, apostólica, romana! Saiba morrer quem viver não soube. (*Para o sr. Milhões.*) Quanto falta?

SR. MILHÕES (*com uma grande dignidade*): O senhor é inconsciente, faça favor de me apresentar a sua esposa.

GOVERNADOR CIVIL: Minha mulher, a sr. a D. Ana de Baltasar Moscoso – o sr. Milhões.

ANINHAS: Muito gosto em o conhecer. (*Anda de roda da caixa com precauções para lhe apertar a mão.*) Quanto falta?

SR. MILHÕES: Quinze minutos e quatro segundos exactos, minha senhora.

ANINHAS: Então retiro-me porque não há tempo a perder. Um automóvel e pronto! (*Vai a sair.*)

GOVERNADOR CIVIL: Ó Aninhas, despede-te ao menos de mim. Ó Aninhas, olha que eu quero uma lápide monumental. Diz aos meus amigos... (*Baixo.*) Não tens aí o revólver?... Diz-lhes que quero o meu nome em letras doiradas e esta frase gravada na minha sepultura: «Aqui jaz um homem de génio que não teve tempo de se revelar.»

SR. MILHÕES: Tantas pieguices!

GOVERNADOR CIVIL: Homem, o senhor nem ao menos me deixa fazer as minhas disposições testamentárias. O senhor abusa! Aninhas, faz-me ao menos um enterro muito bonito.

ANINHAS (*para Milhões.*) Quanto falta?

SR. MILHÕES: Um quarto de hora.

ANINHAS: É o tempo absolutamente indispensável. (*Vai a sair apressadamente.*)

GOVERNADOR CIVIL: Diz-me ao menos adeus, Aninhas. Adeus!

ANINHAS: Adeus! Morrer queimada, não! (*À porta, como quem lhe atira pasadas de terra.*) Morre em paz! Descança em paz! Jaz em paz!

MILHÕES E GOVERNADOR CIVIL

SR. MILHÕES: Aí tem o senhor o que são as mulheres, a sua e as dos outros.

GOVERNADOR CIVIL: Não me tire as últimas ilusões. (*Puxa dum lenço para chorar.*) Se ao menos lhe pudesse acertar com um banco pela cabeça. (*Algumas lágrimas.*)

SR. MILHÕES: Vamos! Vamos! Isto a bem dizer não é a morte, é a pulverização. Não sente nada, verá.

GOVERNADOR CIVIL (*dirigindo-se à janela*): Toda a cidade deserta... Um silêncio de túmulo. Fugiu tudo ao peróxido de azoto... Que morte a minha, e ninguém senão eu para a poder contar! Posso dizer bem alto que não há drama no mundo que se compare com este. (*Seguindo outra ideia.*) E veja o senhor essa mulher que me disse sempre que quando eu morresse morria comigo!...

SR. MILHÕES: Essas coisas dizem-se mas nunca se fazem. Se o senhor fosse um homem inteligente compreendia-o logo. Mas não é. (*Gesto do outro.*) Não é. Demais a mais essa mulher que o senhor lamenta não é a mulher ideal que lhe convém. É uma felicidade para o senhor ver-se livre dela.

GOVERNADOR CIVIL: Ela é que se vê livre de mim

SR. MILHÕES: É uma mulher que o engana.

GOVERNADOR CIVIL: Oh!

SR. MILHÕES: Enganou-o sempre.

GOVERNADOR CIVIL: Senhor!

SR. MILHÕES: É o que lhe digo. O senhor tem cara de ser enganado por todas as mulheres. É uma coisa que se vê.

GOVERNADOR CIVIL: Basta!

SR. MILHÕES: Livro-o dela, livro-o de complicações, livro-o do dever que é tudo

o que há de mais estúpido no mundo e o senhor ainda se queixa.

GOVERNADOR CIVIL: O senhor é doido.

SR. MILHÕES: Doido! doido!... Já é com esta a terceira vez que mo chama. Saiba então que um homem que não tem ao menos uma parcela de loucura não presta para nada. Aqui estou eu, que, enquanto tive o meu juízo todo, nunca fui feliz. (*O Governador Civil julgando-o descuidado vai-se aproximando da porta.*) Passar por doido tem muitas vantagens. Direi mesmo que é a única situação vantajosa que há neste país. O doido diz tudo quanto lhe passa pela cabeça. (*E continuando a falar imperturbável faz-lhe sinal que volte para trás e aproxima o dedo da campainha.*) Ninguém estranha. O doido pode andar de chinelos de ourelo pelo Chiado. Ninguém repara. Quem tem juízo vive constrangido e está sujeito a mil complicações. Vá, sente-se.

GOVERNADOR CIVIL: Obedeço, obedeço.

SR. MILHÕES: Há efectivamente quem diga que estou doido, mas nunca a minha lucidez foi maior. O senhor acredita que eu esteja doido? (*O outro de lá acena à pressa que não.*) De resto, o que é loucura e o que é o juízo? Simples pontos de vista e mais nada. O doido pode seguir à vontade o seu sonho, sem que ninguém se meta com ele. Tem quem lhe dê de comer, de vestir e calçar nos manicómios.

GOVERNADOR CIVIL: Muito filosófico.

SR. MILHÕES: Não diga mal dos doidos. Todos os homens que fizeram alguma coisa no mundo eram doidos. Devemos-lhes a vida artificial. Na realidade devemos-lhes tudo. Se não fossem eles ainda hoje seríamos bichos. Dantes eu próprio que era? Um masurrão. Agora o meu espírito, leve como uma pluma, paira acima da estupidez humana. (*O Sr. Milhões distraído vai tocar no botão da campainha. O outro faz-lhe de lá apressadamente pst! pst! para retirar o dedo.*) Ah, é verdade, ainda faltam alguns minutos. (*E segue com o discurso.*) Dantes ocupava os meus nobres ócios a ler os clássicos. A leitura dos clássicos, que fastidiosa tarefa! Queimei-os todos no pátio. Detesto os clássicos. E o senhor?

GOVERNADOR CIVIL (*apressadamente*): Também eu, também eu!

SR. MILHÕES: Dantes tinha horror aos palavrões, agora até me sabe, de quando em quando, uma obscenidade. (*E aproximando o dedo da campainha.*) Vai agora?

GOVERNADOR CIVIL: Espere, senhor! Por mais que queira não me posso resignar.

SR. MILHÕES: É falta de hábito, é como quem arranca um dente sem dor. Depois que alívio, verá.

GOVERNADOR CIVIL: Espere, co'os diabos! Morrer agora, meu Deus! Morrer! Morrer na flor da idade! Morrer quando a pátria esperava de mim as minhas melhores obras! Espere, morrer não é brincadeira nenhuma, não é uma coisa que se faça assim de pé prà mão.

SR. MILHÕES: Não posso esperar mais tempo. Temos de morrer.

GOVERNADOR CIVIL: Não quero! não quero!

SR. MILHÕES: A vida é estúpida.

GOVERNADOR CIVIL: Não me importo! Quero viver!

SR. MILHÕES: Soou a hora. Uns minutos e...

GOVERNADOR CIVIL (*furioso*): Mas tu quem és afinal, ó supremo canalha, que assim decides eliminar-me, quando eu me agarro com desespero à vida?

SR. MILHÕES (*de pé, altivo e transfigurado*): Eu sou o doido! Eu sou a morte!

GOVERNADOR CIVIL: Anh?!

SR. MILHÕES: Estou farto! Estou farto de me vestir todos os dias, de cumprimentar todos os dias, de dizer todos os dias que sim! Estou farto de sorrir e de fazer as mesmas coisas inúteis, que não condizem com a minha situação respeitável no universo. Eu não quero ser bicho; com a fortuna de que disponho e este talento que Deus me deu, não posso ser bicho – e tenho que confessar a mim mesmo que sou bicho. Eu e o macaco do Jardim Zoológico! Oh não! oh não!

GOVERNADOR CIVIL: Eu endoideço! eu endoideço!

SR. MILHÕES: Vou suprimir a vida, porque a vida mete-me medo, ouviste? Porque me mete medo. Fui sempre ridículo mas nem sempre me senti ridículo. A vida foi sempre atroz, mas nem sempre a senti atroz. Quando dei pelo que ela tem de reles e de grotesco, de trágico e de grotesco, veio-me um vômito de tristeza. Vi-te e vi-me. Vi que a minha caridade era grotesca, que os meus deveres eram grotescos, com os dividendos a receber, os cupões a cortar, um cofre do tamanho desta sala e um guarda-portão eminente a distribuir seis vinténs à pobreza. Considerei-me abjecto. Abjectos e grotescos os laços de família, à espera do testamento e da cólica, e os mil e quinhentos que eu dava por mês à obra dos órfãos mutilados. Pior, pior... Olhei para mim, olhei para dentro de mim mesmo e ao mesmo tempo encarei com a Vida. Com esta coisa prodigiosa que é a Vida, feita para a desgraça, para a dor, para o sonho – e que dura um minuto, um só minuto – e encontrei-me sórdido com as minhas inscrições a receber e as minhas décimas a pagar. Oh, um instante para deter isto, caótico e doirado, sôfrego e doirado! Um instante para sofrer, para lavrar a terra, para ser enfim o homem! E eu já não podia arrancar-me ao meu palácio com um guarda-portão fardado de ministro, nem fazer outra coisa senão abrir a boca com sono diante do cofre das inscrições de assentamento. De assentamento, repara bem. No mundo caótico onde se grita e se sonha, há inscrições de assentamento! Tu compreendes, isto? tu explicas isto?... Vi então o infinito lá em cima e vi-me a mim cá em baixo. Mais um passo e senti que acabava a vida a fazer paciências.

GOVERNADOR CIVIL: Mas que tenho eu com isso?

SR. MILHÕES: Vais morrer, e vais morrer porque com as tuas fórmulas, a tua papelada e o teu burlesco, és também objecto e inútil. O cavador existe! O soldado existe! O herói existe! Tu não existes!

GOVERNADOR CIVIL: Eu não existo?!

SR. MILHÕES: És uma sombra e bff... (*sopra-lhe e o outro estremece*) faço-te desaparecer como uma sombra. Tenho de suprimir a ninharia da vida. Estas duas coisas não podem mais coabitar – esta estupidez e este sonho dorido e imenso, o grotesco de todos os dias, quando do Outro lado galopa e passa uma coisa sôfrega e imensa. Tu não te podes chamar Baltasar Moscoso, e ao mesmo tempo existir o céu estrelado. Venham todos os fantasmas!

GOVERNADOR CIVIL: Acudam! acudam! acudam!

SR. MILHÕES: Não posso viver com isto, frenético e doirado, e regular a existência como o maquinismo dum relógio; não posso às mesmas horas – eu nisso sou como um pêndulo – fazer certa coisa imunda num buraco de secção elíptica, quando o mundo está cheio de gritos e o meu pensamento se eleva às mais altas elocubrações filosóficas. Pff! pff! ... Não, não posso com este esplendor e esta abjecção, este ridículo e este desespero – e vamos morrer! vamos enfim morrer! (*Vai carregar no botão.*)

GOVERNADOR CIVIL: Alto! alto! alto!

SR. MILHÕES: Soou a hora.

GOVERNADOR CIVIL: Morrer! Mo... Mas eu não estou doente! Nem a cabeça me dói... Então eu hei-de ser governador civil e morrer?! Então eu hei-de ter talento e morrer?!

SR. MILHÕES: É a hora de morrer.

GOVERNADOR CIVIL: O senhor é cruel. Não me dispute os últimos momentos.

SR. MILHÕES: O que eu sou é seu amigo. Tenho estado aqui a prepará-lo para a grande hora da libertação. Há mais alguma coisa que lhe possa fazer? Vai agora?

GOVERNADOR CIVIL: O senhor é pior que um inquisidor. Não me tire os últimos segundos, os segundos dum condenado à morte. Aposto que está a gozar com a minha agonia. Em troca da vida dou-lhe tudo que quiser, a minha influência, o meu dinheiro, as minhas peças, a glória.

SR. MILHÕES: Recuso, sou intransigente nos meus princípios.

GOVERNADOR CIVIL: Espere. Dê-me um confessor. Um confessor não se recusa a quem está de oratório.

SR. MILHÕES: O senhor nunca foi católico.

GOVERNADOR CIVIL: É que nunca me vi nestes assados.

SR. MILHÕES: Tem de seu, previno-o, dez segundos.

GOVERNADOR CIVIL: E não haver um Vítor Hugo para fixar esta tormenta num crânio!

SR. MILHÕES: Tem de seu nove segundos e meio.

GOVERNADOR CIVIL: Acabe lá com isso! (*Vendo-o aproximar o dedo do botão.*) Não! não! acabe lá mas é com essa cega-rega do relógio.

SR. MILHÕES: Faltam apenas...

GOVERNADOR CIVIL (*passando a mão pela testa com infinita tristeza*): Nestes últimos momentos de existência, sinto a mente a transbordar de génio. Quantas páginas imortais perdidas, por causa deste malandro!

SR. MILHÕES: Cinco segundos...

GOVERNADOR CIVIL: Já que me nega um confessor, ouça-me ao menos de confissão. Ouça os meus pecados. Confesso que menti... que menti sempre que pude. Toda a minha vida foi uma mentira pegada. Espere! Ó meu Deus! Espere! espere! Que é que eu vou sentir na situação de cadáver?

SR. MILHÕES: Um segundo.

GOVERNADOR CIVIL: Maldito sejas tu por toda a eternidade. Tenho medo! tenho medo! Espere! é um pecado morrer com desespero. Dói-me a barriga... Peço licença para ir lá fora fazer o que tenho a fazer.

SR. MILHÕES (*implacável*): Faça no outro mundo.

GOVERNADOR CIVIL: Espere ao menos a minha contrição. Oh, morrer!... Oh, morrer nas mãos dum doido e estoirado ainda por cima! Morrer! morrer! Perdão! perdão! Padre Nosso que estais no ceu...

SR. MILHÕES: É agora!

GOVERNADOR CIVIL: Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei! aqui d'el-rei!

OS MESMOS E DOIS ENFERMEIROS

Ouve-se barulho fora. O sr. Milhões faz retinir a campainha. O governador civil cai na cadeira com gestos desordenados. Entram dois enfermeiros de casaco branco de resguardo.

GOVERNADOR CIVIL (*esgazeado, apontando a caixa*): O peróxido! o peróxido!

UM ENFERMEIRO (*destapando a caixa e tirando para fora algodão*): É algodão em rama...

Agarram o Sr. Milhões que os afasta, saindo depois de pôr e tirar o chapéu lustroso e de cumprimentar cerimoniosamente.

SR. MILHÕES: Tragam a caixa.

GOVERNADOR CIVIL (*com os cabelos em pé*): Ai o grande filho da puta!

Eu Sou um Homem de Bem

(Entra um pouco exaltado. Acende a electricidade, pousa o chapéu e atira com as luvas para o lado.)

Tens-me seguido sempre. Desde que parei diante da vitrine do Leitão joalheiro, nunca mais me largaste. Fingi que te não via – mas ao fitar aquelas jóias, dum brilho duro e magnético, olhei de soslaio e lá estavas presente. Que diabo queres tu afinal? Não me largas. Não falas. És um espectro. Chegas a fazer-me rir. Senta-te. Eu sou um homem de bem. Se pertences à polícia, podes rebuscar toda a minha vida. Não tenho escaninhos nem segredos. Confio-te os meus livros, o *Razão* e o *Caixa*. Senta-te. Toda a cidade me conhece... Bebi talvez de mais neste jantar que os meus amigos me ofereceram – trinta anos de trabalho e probidade impõem – e tu aproveitaste a ocasião... Vamos, senta-te e fala. Hás-de acabar por falar! Eu sou um homem honesto – não preciso de fantasmas na minha vida. Eu sou um homem de bem. Tu ris-te?! Isso é de mais, tu excedes-te! Não contente com teres usurpado a minha figura e talvez o meu nome; não contente em te teres agregado a mim como uma sombra e em te instalares sem mais nem menos na minha própria casa – tu ris-te quando eu digo que sou um homem de bem?! (*Irrita-se.*) – De quem é que tu te ris afinal? (*Faz um esforço, serena e muda de tom.*) – Lá me ia exaltando contigo, que não existes. Porque tu, eu sei-o perfeitamente, tu não existes. Copiaste a minha fisionomia, imitaste o meu andar, vestiste no meu alfaiate, mas na realidade, apuradas as contas, és uma sombra que se vai dissipar como o fumo do meu cigarro. Estás diante dos meus olhos e não tens realidade nenhuma; vejo-te perfeitamente e nasceste talvez do último copo de champanhe que bebi ou és um produto da má digestão da «mayonnaise» que me faz sempre mal... Ah, não te decides a falar?... Convém-me a esta hora dois dedos de cavaco, antes de me meter em vale de lençóis. Palavra, assim mudo e solene, fazes-me o efeito dos espectros antigos, que vinham sentar-se à beira dos homens, em ocasiões fatais! Chamar-te-ás o Remorso? Serás tu a Consciência com um C grande? Palavras enormes que não têm nada que fazer na minha vida, repito-te. Escusas de olhar para mim com essa insistência. Isso não to admito! Tolero-te tudo: que me persigas, que uses o mesmo talhe de cabelo que eu uso, que estejas calado quando te intimo a falar – tudo! (*Exaltado.*) Agora que duvides da minha honra, da minha probidade, depois de trinta anos de vida que toda a gente conhece, isso não! Isso nunca! Nunca, ouviste?! Não te admito esse olhar nem esse riso de escárnio!... Sou o que se chama um homem de bem, posso gabar-me disso. (*Pausa.*) Eu bem sei ao que te queres referir; na realidade entendo-te à légua, como me entendo a mim mesmo. Transigências?... Mas transigências todos as têm, todos. Também dizes que fui duro. Fui duro, endureci o coração para triunfar. Mas qual o fim da vida, senão enriquecer? Isso não tira de ser um homem honesto. Acaba! acaba por despejar o saco! Mais fundo queres perguntar-me – e não te atreves – em que consiste a minha honestidade. Em cumprir o meu dever e esse, podes dizer o que quiseses, cumpri-o sempre. A honestidade diante de quem? Diante de Deus ou diante dos outros? a interior ou a exterior? Talvez na tua opinião valha melhor ser pobre e simples, ser um sonhador desconhecido? Nesse caso podes acusar toda a gente. Se estivessem aqui vinte, trinta, cem, duas mil pessoas e eu as pusesse frente a frente com a sua própria consciência, com o que há de mais secreto em cada consciência: – E tu? e tu? e tu? olhem todos para mim, olhem-me direito nos olhos: – A honestidade interior

ou exterior?... – Há-os que depravam as próprias mulheres, há-os que vivem de uma primitiva infâmia. É outra vida ao lado da vida, é a vida secreta e horrível que se esconde e deve esconder, e de que todos nós desviamos o olhar porque nos mete medo. Isto não tira nem põe. São pequenas coisas. O que é preciso é cumprir sempre os grandes deveres, e esses cumpra-os, como paguei sempre as minhas letras. Sustentei meus pais até à morte. Repeli, é certo, a mão que se me estendia e desviei os olhos daqueles olhos fitos nos meus que pediam socorro e ternura. Pequenas coisas... (*mais baixo*) que talvez sejam as maiores da vida. Já sei, já percebo: o que tu admiras é a piedade, o amor, o sonho. Meu amigo, és um poeta e queres que eu também o seja!... E mais que a esmola, a maneira como se dá a esmola. Querias então que eu fosse santo, anh? Querias que me despisse para vestir os outros? Que não calcasse e me deixasse calcar? Não tive bondade?... Um crime? (*Ri-se.*) Se te parece, arrasta-me agora ao banco dos réus. Eu sou um homem honesto. Pode-se ser um homem honesto e praticarem-se muitos crimes, os piores crimes, dizes tu, os que pecam por falta de humanidade. Dizes..., dizes... Mas não compreendes, ó estúpido, que não tive tempo para pensar em ninharias. Querias talvez que deixasse de pensar no negócio, para pensar no sofrimento humano!? Não compreendes que tive de ser duro. Que para ser respeitado precisei de enriquecer, e que para enriquecer fui forçado a esquecer a vida dos outros; que, para ser considerado na praça, havia de cumprir certos deveres, de pagar as letras a tempo e de seguir uma linha de conduta um pouco rígida... (*Com espanto.*) – Ris-te da praça! então tu agora ris-te da praça!? Da praça!! E perguntas o que há no fundo dessa correcção com valor da praça? Há isto: há muita pontualidade, muita ordem, muito método.

(*Escuta algum tempo, absorto.*)

...Mas isso que dizes, isso de encarar a vida assim, é para poetas, e eu não sou um poeta, nem mesmo um sonhador – sou um homem prático. Se te escutasse, seria um desgraçado, sem situação social, e de quem ninguém faria caso. Um homem obscuro, um pobre homem cheio de ternura, o homem fraco que chega à velhice, espoliado e desprezado, e com duas estrelas nos olhos. Ouves? Desprezado, porque não soube enriquecer, porque não soube dizer que não, quando era preciso dizê-lo. Porque não soube ser duro. Era isto, anh? era isto que tu querias, para te rires, ainda por cima, de mim? Cala-te!... Dás valor a teias de aranha a que eu não dou valor nenhum. Pões-me diante dos olhos um ser que não existe, um ser perfeito. Melhor – um ser horrível noutro mundo onde as figuras mudaram de proporções e esqueceram a realidade. (*Depois de escutar um momento, responde, exaltado.*) – Se fosse assim, éramos todos criminosos. Se fosse assim, não havia homens de bem e os ladrões e os desgraçados capazes de amor eram melhores do que eu. Protesto! A vida, meu caro, tem exigências; a vida é um combate. Sob as aparências há um fundo indeciso, para o qual ninguém deve reparar... (*Noutro tom, mais baixo.*) – Aí te pões tu outra vez a rir, com um riso que me faz mal, e a recordar o ser que eu já fui quando era moço e que felizmente desapareceu do mundo... Esse? esse é que era eu?! Então o outro é que era eu?! o outro é que era o homem?! O outro que acreditava em tudo, iludido e pobre, o outro é que era o ser esplêndido e vivo?! Se fosse assim, a minha existência tinha sido inútil e eu não era o negociante conhecido e aplaudido na praça. Matei-o logo que pude. Durante muitos anos uma voz baixinha falou em mim, cada vez mais baixo, até que consegui calá-la. Um estremeção e morreu... Mas a bem dizer não fui eu que o matei – foi a vida que o matou. Enriqueci. Mas sinto na verdade que alguma coisa falta em mim para ser um homem. O Homem!... Sim, sim..., talvez essas coisas triviais sejam as maiores da vida. As outras não contam, nem o dinheiro conta, dizes tu, consciência. Dizes... dizes...

Sufoco! (*Arranca o colarinho e a gravata e deixa-se cair sobre uma cadeira.*) – Sempre hoje estou muito bêbado!

O Avejão

Episódio dramático

PERSONAGENS:

A VELHA.
O AVEJÃO.
O SR. CAETANO.
TRÊS VELHAS.
A CRIADA.

ACTO ÚNICO

Quarto de cama antiquado com oratório e cama de pau-santo. A moribunda dormita numa poltrona. Ao lado a criada faz meia. Afastado, um grupo de três velhas antediluvianas escuta um homem imponente que discursa. Uma delas traz um grande lenço vermelho na mão. É noite. Falam baixo.

CENA I

A VELHA, A CRIADA, O SR. CAETANO E AS VELHAS

SR. CAETANO: Tudo correcto, tudo muito correcto.

PRIMEIRA VELHA: Tudo na ordem.

SR. CAETANO: Confissão, testamento, agonia. Está pronta para subir ao Céu. Só lhe falta voar.

SEGUNDA VELHA: Foi uma santa!

SR. CAETANO: Diz muito bem. Foi uma santa correcta, uma santa modelar.

TERCEIRA VELHA: Apoiado!

SR. CAETANO: Não me interrompam... Uma vida de sacrifício, inteiramente dedicada a obras piedosas. Só asilos dirigiu três e duas sopas económicas. E que austeridade! Não há uma falha nesta existência. Uma! Ninguém como ela merece o nome glorificador de santa.

SEGUNDA VELHA: Pudéssemos nós dizer o mesmo. Aquela vai vestida e calçada para a suprema ventura. Um coro de anjos já a espera lá em cima com a coroa

celestial preparada.

PRIMEIRA VELHA (*escutando*): Já tem *panela*...

SR. CAETANO (*severo*): Deixemos essas coisas materiais que não nos devem preocupar. O que ali está é uma alma. Uma alma e mais nada. Todos a vimos edificar dia a dia a sua existência espiritual, já organizando uma coleção de pobres, dentre aqueles que pela sua religião, pela sua humildade merecem este nome tão evangélico de pobres...

PRIMEIRA VELHA: (*entusiasmada*): Muito bem! Muito Bem!

SR. CAETANO: ...já resistindo aos impulsos e quebrando todos os laços – até os da família – para chegar à suprema perfeição.

TERCEIRA VELHA: E o testamento? E o testamento?

SR. CAETANO: Muito correcto, também. Deixa quase toda a sua importante fortuna à obra da conversão dos ímpios e o resto ao Banco Comercial, para ser administrado por homens de reconhecida capacidade.

PRIMEIRA VELHA: Lá isso de bancos e de comércio, para uma santa, não me parece bem.

SR. CAETANO (*severo*): Ora essa, minha senhora, o comércio é o sangue duma nação.

SEGUNDA VELHA: Muito bem fala este senhor Caetano. É um regalo ouvi-lo.

A terceira velha que traz o lenço na mão puxa pelo casaco do sr. Caetano.

TERCEIRA VELHA (*baixinho*): Agora?

SR. CAETANO: Ainda não. Amarrar-lhe os queixos, por ora não. Esperemos o último transe, para que não apareça descomposta na outra vida.

PRIMEIRA VELHA: Ela ouvirá?

SR. CAETANO: Não ouve nada. Está sonolenta. Já não percebe nada. É o que propriamente se chama um coma.

PRIMEIRA VELHA: Um quê?

SR. CAETANO: Um coma, minha senhora. É uma espécie de adormecimento que se apodera dos moribundos antes de entrarem no reino dos Céus... Concentremo-nos um momento, visto que todos nós somos também, infelizmente, mortais. (*Pausa. As velhas rezam.*) ...Mas como ia dizendo, o que é necessário, em todos os actos de vida, é a correcção. Acima de tudo correcção. Ponham os olhos neste exemplo... Sempre austera. Sempre digna. Sempre correcta. Agora está tudo pronto. Está unvida. Vai morrer e não lhe custa nada. Não lhe custa mesmo nada. Só lhe falta dar o último passo, e vejam as

excelentíssimas senhoras que serenidade se apoderou daquela alma. (*Algumas lágrimas.*)

TERCEIRA VELHA: Ela chama?

SR. CAETANO: Um pouco de delírio, que também é conveniente em quem morre. Alguma agitação – sem exagero.

SEGUNDA VELHA: Visto isso, podemos retirar-nos?

SR. CAETANO: Devemos até retirar-nos. (*Vão saindo.*) Ela e Deus, ela e a glória eterna... Deixemos a matéria descansar antes do sono sepulcral que a espera lá para a madrugada.

A VELHA (*baixinho*): Antónia.

O grupo sai e o sr. Caetano perora sempre.

SR. CAETANO: Nunca ninguém lhe conheceu uma fraqueza. Nunca ninguém lhe...

AS VELHAS (*em coro saindo*): Que santa! que santa! que santa!

CENA II

A VELHA E A CRIADA

A VELHA: Antónia, pareceu-me ouvir vozes.

ANTÓNIA: Foi o senhor Caetano que saiu.

A VELHA: Ah!... Mas não é isso, era outra coisa... Outras vozes... Vejo figuras.

ANTÓNIA: É da febre.

A VELHA: E da morte. Ontem vi perfeitamente uma aventesma com um saco às costas.

ANTÓNIA: Delírio. Descanse um bocadinho.

A VELHA: É noite?

ANTÓNIA: É noite.

A VELHA: Tenho medo... E talvez a hora.

ANTÓNIA: Quer tomar o remédio? Dói-lhe alguma coisa?

A VELHA: Não, não.

ANTÓNIA: Então sossegue. *(Ajeita-lhe o travesseiro e sai levando a luz. A cena fica iluminada por uma lamparina bruxuleante. Tudo enegrece. A velha geme. Depois fala a figuras imaginárias.)* És tu, António?... Estás aí, José? *(Cai em sonolência. No fundo mais negro agita-se a sombra da lamparina, e nessa escuridão remexe logo outra sombra maior, que pouco a pouco toma corpo. É um ser glabro e esguio, de pernas magras, que esfrega as mãos uma contra a outra e vem devagarinho postar-se ao pé da Velha.)*

CENA III

O AVEJÃO E A VELHA

A VELHA: Ah! és tu? és tu?... E talvez a hora tremenda. És o diabo? *(O Avejão ri-se.)* És talvez a consciência?... *(O Avejão ri-se.)* És talvez a dúvida?... Eu nunca duvidei. *(O Avejão ri-se; e ela afirma mais alto.)* Nunca duvidei. Nunca duvidei.

AVEJÃO: Fizeste-a bonita, estragaste a vida toda. *(Esfrega as mãos com um riso sarcástico.)*

A VELHA: A minha vida é rígida e harmónica.

AVEJÃO: Sim, não viveste e vais morrer.

A VELHA: Não sei porquê, não te tenho medo. Com a tua figura vejo outras figuras, as dos meus mortos que estão à tua beira. Será talvez porque fui santa.

AVEJÃO: Santa, anh? santa? reduzida a espírito? Os santos nunca sabem que o são.

A VELHA: Toda a gente o diz.

AVEJÃO: Ah! se toda a gente o diz... E tu que dizes?

A VELHA: Tirei-o à boca.

AVEJÃO: Para dar ao orgulho.

A VELHA: Comi côdeas...

AVEJÃO: Fizeste bem.

A VELHA: ...para o dar aos asilos.

AVEJÃO: E se te enganares? Se tivesses vivido só para coisas artificiais e secas? Se a tua caridade não fosse senão uma fórmula... e tudo inútil... *(Mais baixo.)* Tudo inútil.

A VELHA: Espera-me então o inferno?

AVEJÃO: O inferno talvez não exista.

A VELHA: E o céu?

AVEJÃO: O céu talvez não exista.

A VELHA: Então que existe? que existe para mim, que passei a vida a recalcar b instinto, a viver de sacrifícios – a não viver?

AVEJÃO: A que te sabe a boca?

A VELHA: A pó! a pó!

AVEJÃO: Viveste de mentira. Foste iludida e vais morrer.

A VELHA: Não vivi! Não vivi! Então o que é a vida superior, a vida mais alta e completa, senão este esforço que fiz sempre para esmagar os maus instintos e as paixões? senão esta tentativa desesperada para atingir um ideal? senão este calvário onde deixei a carne aos farrapos, afastando de mim o pecado? Que há mais do que isto?...

AVEJÃO: A vida.

A VELHA: Anh?

AVEJÃO: Um nada – um minuto de ternura e dor. Piedade, sonho, um pouco de luz onde já entra a sombra – a morte. Nada. Um sorriso, com os olhos molhados de lágrimas.

A VELHA: Não vivi esta vida, para chegar a outra vida.

AVEJÃO: Que não existe.

A VELHA: Tem de existir por força, ou então...

AVEJÃO: É inútil. Tudo é inútil.

A VELHA: Tudo o que fiz foi inútil? Todo o sacrifício foi vão e inútil? (*O Avejão ri-se.*) Toda a minha vida! Toda a minha vida!

AVEJÃO: Nunca duvidaste? Há coisas em que a gente não pensa senão quando a hora soa... Lembra-te, recorda-te...

A VELHA: Efectivamente tenho ouvido dizer que os náufragos e os moribundos vêm no instante supremo desfilar toda a sua existência... E a morte já?

AVEJÃO: Ainda não. Hás-de ouvir-lhe os passos.

A VELHA: Tanta luta, tanto esforço, tantas discussões comigo mesma, para quê?

AVEJÃO: Talvez hábito, decerto orgulho, a necessidade que todos temos de construir uma obra e de a levar até ao cabo. E depois a adulação dos que nos rodeiam e aplaudem; e depois não se pode voltar atrás...

A VELHA: Ah... (*Espaçando as palavras.*) E depois – não se pode – voltar atrás?

AVEJÃO: Não. Depois o irremediável, a morte, o nada.

A VELHA: É a hora?

AVEJÃO: Já te disse, hás-de ouvir-lhe os passos. Recorda-te.

A VELHA: Recordo-me. Vejo a minha vida desfilar. Outra vez os mortos! outra vez os mortos!

AVEJÃO: Duma vez...

A VELHA: Duma vez... Eu não fui só secura e orgulho. O que isto me custou a espezinhar!

AVEJÃO: Duma vez...

A VELHA: Duma vez... Espera que eu veja e desenterre do pó o que supunha que estava sepultado para todo o sempre... Sim, vinte anos, uma alegria espontânea... E não era só alegria, não me sei exprimir... Uma primavera, o que a vida tem de maior, primavera ou sonho. Como nas árvores. Como nas árvores. Eu tinha esquecido isto... Era naquela casa velha ao pé da floresta... Também ouço agora o ruído da floresta, que nunca mais hei-de ouvir. Caem as folhas uma a uma... Era naquela velha casa abandonada... Como a floresta me parece agora um ser extraordinário!... Uma grande sala, as janelas abertas de par em par, e a floresta e o sonho a envolverem-me. Trespasada de vida, estonteada de vida... Ao pé de mim a mulher que me criara desde pequena. No lume a última brasa. O grande luar perfumado entrava pelas janelas abertas. Noite igual àquela nunca mais houve no mundo. Nesse momento único da minha vida, tinha tudo decidido. Esperava apenas o sinal para fugir por esse mundo fora. Tinha-lho jurado, tínhamo-lo jurado ambos. Apesar de ele ser pobre e desprezado, eu ia levada, aturdida, impelida, com a boca a saber-me a vida e os olhos húmidos de vida. Já fascinada para a desgraça, para o amor, para a morte..

AVEJÃO: Recordas-te? Recordas-te?!

A VELHA: Ia... Era uma coisa cega e frenética como a floresta quando chega a primavera. De repente ouço-o cantar – ouço-o agora! – como se a sua voz fosse um irresistível encanto a atrair-me. Parecia-me que a noite cantava e o meu coração não podia mais! Aquela voz entrava na sala como o luar dourado e o perfume da floresta com a sua voz magnética. Era o sinal – ia partir. – Menina, disse-me então a criada, que vai fazer? vai ser desgraçada. – E a voz dela não era só a sua voz, era um mundo que se interpunha entre mim e mim, um mundo que não existe...

AVEJÃO (*com um riso mais sardónico*): Que não existe! que não existe!

A VELHA: Mas aquela voz atraía-me, deslumbrada. Avancei um passo. – Filha, que vai fazer? vai no caminho da desgraça. – E a minha honra? e todos os laços de ferro que me prendiam? Detive-me e não fugi com ele. E agora vejo tudo. Ouço outra vez a voz, não como a sua voz, mas como outra voz imensa e profunda; vejo a floresta, não como um ser exterior, mas como uma parte integrante do meu próprio ser... No silêncio! No silêncio!... Espera, que eu não posso mais! não te rias, que eu não posso mais! Espera um momento... (*Pausa.*) Eu não vivi.

AVEJÃO: Ah! compreendes agora?

A VELHA: Antes tivesse sido desgraçada. Como eu compreendo agora que é preciso ser-se desgraçada para se viver! Como a desgraça me parece grande, imensa, necessária para se ser feliz! Eu não vivi. Deixa-me ser desgraçada.

AVEJÃO: É tarde, é tarde. Outra vez o viste e recusaste.

A VELHA (*mais baixo*): E recuei, e não me atrevi... Encontrei-o um dia, há poucos anos, velho, coçado, pobre e com uma criança pela mão, e vi-o desaparecer numa esquina, sem me atrever a chamá-lo. Oh! vi-o e vi-me! Nesse minuto amargo compreendi que podia ter vivido e sofrido, amado e sofrido. Vi-o e vi-me!

AVEJÃO: Agora é muito tarde. Tiveste medo da vida.

A VELHA: Tive medo de sofrer.

AVEJÃO: E agora é tarde.

A VELHA: Então é tarde sempre para mim? é sempre tarde? Não vês que preciso doutra vida? Não vivi com medo à desgraça, não fugi com medo à desgraça, não conheci o amor com medo à desgraça, mirrei-me com medo à desgraça. E só agora, que é tarde, me arrependo de não ter ouvido a voz esplêndida do amor e da desgraça. Perdi a vida! Perdi a vida! Dá-me outra vida.

AVEJÃO: É impossível.

A VELHA: Deixa-me sofrer, só sofrer!

AVEJÃO: Não posso.

A VELHA: Deixa-me viver, que eu prometo-te não acreditar mais em palavras.

AVEJÃO: A vida é só uma. Uma vida! uma vida que se não repete! que se não repete mais. Uma hora que se perde e não torna, por mais esforços que se façam.

A VELHA: Deixa-me viver rota, pobre, desprezada, com uma côdea para comer. E amar! e amar! Repara que quando tudo me seduzia...

AVEJÃO: Deixasses-te seduzir.

A VELHA: ... resisti à vida. Dia e noite passei-os eu e Deus. Com o pensamento na vida eterna, vivi com um cilício e uma camisa de estopa.

AVEJÃO: Resististe ao encanto da vida, que não torna. Não soubeste fazer o bem e não pudeste fazer o mal. A tua vida foi inútil.

A VELHA: Então eu que fui iludida tenho de morrer? Tens de me deixar voltar aos vinte anos, ao primeiro amor e ao primeiro sonho. – Aquela noite... Aquela noite em que dei o primeiro passo para a mentira. Há mãos que se me estendiam e que eu repeli para ser santa. Há instintos que eu arredei, impulsos que vinham do fundo de mim mesma e que recalquei pelo orgulho de ser santa. Pequenas coisas que julguei inúteis e que são tão lindas!... Estou arrependida. Deixa-me ser levada por todos os gritos, por todas as vozes, por todos os instintos, como num enxurro.

AVEJÃO: Não.

A VELHA: Deixa-me ao menos sofrer.

AVEJÃO: É absolutamente impossível.

A VELHA: Mas eu quero! (*O Avejão ri-se.*) Mas eu quero! eu quero! Morro desesperada. Uma hora! uma hora só de outra vida! Quero voltar para trás.

AVEJÃO: Ninguém pode voltar para trás.

A VELHA: Mais um minuto! Mais um minuto! só um minuto!

AVEJÃO: Nem um minuto!

A VELHA: Não quero! Não quero! (*O Avejão afasta-se e outra vez se perde no escuro, com uma risada sarcástica.*) Estou arrependida! Estou arrependida de ser santa! (*Ao fundo a porta abre-se.*)

A VELHA (*de pé, grita*): Ouço-lhe os passos! Ouço-lhe os passos!

CENA IV

A VELHA, O SR. CAETANO E AS VELHAS

O sr. Caetano e as velhas entram. A criada vem à frente, com o candeeiro, no momento em que a velha cai morta sobre a poltrona.

SR. CAETANO: Está no Céu. Entrou agora mesmo na glória eterna... (*Levam os lenços aos olhos, compungidas. Uma amarra-lhe os queixos.*)

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>
